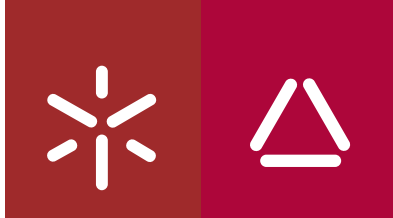


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Jordi Lerma Lopes

Salamonde, Cruzando Memórias



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Jordi Lerma Lopes

Salamonde, Cruzando Memórias

Trabalho de Projeto
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Helena Pires
e da
Professora Doutora Teresa Mora

DECLARAÇÃO

Nome: Jordi Lerma Lopes

Endereço eletrónico: jordi.lopes@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 14306301

Título do projeto:

Salamonde, Cruzando Memórias

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Helena Pires

Professora Doutora Teresa Mora

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado:

Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO
ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Aos meus pais, pelos meios, disposição, ajuda e apoio, quer na organização do evento quer na redação desta reflexão.

Às orientadoras deste projeto, por aceitarem e acreditarem no trabalho, pelos conselhos, correções, pela disponibilidade e pela amabilidade.

Ao G.D.C.R.S, por me proporcionar oportunidade e toda a ajuda para criar e desenvolver este evento.

À equipa do “Salamonde, Cruzando Memórias”, em especial ao Renato, pelo empenho, pelas ideias, pela iniciativa, por termos feito isto em conjunto.

À Câmara Municipal de Vieira do Minho, na pessoa do seu presidente António Cardoso, por nos ter disponibilizado todas as condições que pedimos e que nos foram essenciais, e por acreditar na importância do nosso projeto.

À Junta de Freguesia de Salamonde, pelo apoio prestado.

Ao Café Meia Lua, donos e clientes, pelas muitas horas lá passadas em frente ao computador, sempre nas melhores companhias.

A todos os meus amigos que de uma forma ou de outra me foram ajudando e motivando para conseguir levar isto até ao fim, principalmente à Bruna que fez muito mais que isso.

Finalmente, um agradecimento especial à população salamondense que, não só nos disponibilizou mais até do que pensávamos, mas tornou todo o processo extremamente gratificante. A todos que de alguma forma ajudaram ao sucesso deste evento, desde quem emprestou fotografias e objetos a quem apareceu nas atividades, o meu sincero obrigado.

Resumo

Com a vontade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos no primeiro ano do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, e com a possibilidade de, em conjunto com o Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo de Salamonde (G.D.C.R.S), a maior associação cultural local, criar e desenvolver um evento cultural em Salamonde, surge a ideia do “Salamonde, Cruzando Memórias”.

Como projeto de intervenção, procurámos explorar o passado, as tradições e as memórias desta terra, numa tentativa de as trazer “à tona”, isto é, criando ou fortalecendo uma ponte, uma ligação entre o passado e o presente. Desta forma, iríamos permitir a alguns cidadãos mais velhos o recordar de outros tempos, ao mesmo tempo que os mais novos teriam acesso a um conjunto de informações e estímulos representativos de épocas diferentes, o que lhes permitiria ganhar uma noção mais realista e aproximada daquilo que foi a história mais recente de Salamonde.

Desta feita, conseguimos desenvolver um projeto que culminaria num evento com quatro atividades direcionadas para o cruzamento de memórias.

Assim, tivemos como principal atividade uma exposição com fotografias e objetos antigos, ambos recolhidos por entre as famílias salamondenses, procurando retratar as mais diversas situações.

Tratámos também de organizar e gravar conversas informais com alguns dos membros mais antigos e representativos da comunidade salamondense. Nestas conversas, cujas gravações foram posteriormente exibidas durante a exposição, abordaram-se diversos temas, desde os mais relacionados com a vida quotidiana das suas juventudes às estórias mais particulares, dando assim um cheirinho, por parte dos próprios intervenientes, do modo de vida de há 50, 60 ou 70 anos atrás em Salamonde.

Sendo a música um aspeto tão importante da cultura e como instrumento de memória social, uma das atividades foi um pequeno festival de música. Durante umas horas foi possível ouvir ao vivo as várias fases e estilos de música que passaram por Salamonde, desde os cantares tradicionais ao *heavy metal*.

Terminaríamos este evento com um final de tarde dedicado aos jogos tradicionais, onde foi possível voltar a praticar jogos que esta aldeia já não via há décadas, recriando momentos de lazer de outras épocas.

Nesta reflexão exploraremos a origem do projeto, a sua conceção e as preparações necessárias para o “Salamonde, Cruzando Memórias”. Faremos também uma breve descrição de como decorreu o evento, terminando com uma análise crítica de todo o processo e resultados finais.

Palavras-chave: Memória social; Identidade; Cultura; Cruzando memórias.

Abstract

With the desire to put to use the knowledge acquired in the first year of Communication, Art and Culture Master's degree, and with the possibility of, alongside Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo de Salamonde (G.D.C.R.S), the biggest local cultural association, working to create and develop a cultural event in Salamonde, emerges the idea of "Salamonde, Cruzando Memórias" (Salamonde, Crossing Memories).

As an intervention project, we tried to explore the past, the traditions and the memories of this village to try to create a bridge or a link between the past and the present. This way, we would allow some older citizens to remember the past, while the younger would have access to information and representative stimuli from other times, which allowed them to obtain a more realistic and approximate notion of the recent history of Salamonde.

Consequently, we were able to develop a project that culminated in an event with four activities in order to cross memories.

Thus, we had as main activity an exhibition with photographs and old objects, both collected through the families from Salamonde, trying to represent the various situations.

We organized and recorded informal conversations with some of the older and more representative members of the community. In these conversations, which were later shown during the exhibition, several topics were approached, from the daily life of their youth to more personal stories from the past.

Since music is so important in our culture and it is an instrument of social memory, one of the activities was a small music festival. For a few hours it was possible to listen to some of the music styles that Salamonde welcomed, from traditional music to heavy metal.

We ended this event with a late afternoon dedicated to traditional games, where it was possible to play old games that were almost forgotten, recreating moments of leisure from other years.

In this work we will explore the origin of the project, its conception and preparations for "Salamonde, Crossing Memories". We will also give a brief description of how the event occurred, ending with a critical analysis of the whole process and final results.

Keywords: Social Memory; Identity; Culture; Crossing memories.

Índice de Figuras

Figura 1 – Cartaz da recolha fotográfica	27
Figura 2 – Recolha de fotografias D. Isaura	29
Figura 3 – Recolha fotográfica casas Fufo e Miranda	30
Figura 4 – Última campanha recolha fotográfica	31
Figura 5 – Cartaz do evento	35
Figura 6 – Expositor CAVA	36
Figura 7 – Conversa com Tia Irene da Barca	37
Figura 8 – Conversa com Tio Zé do Covelo e Guilherme do Vermelho	38
Figura 9 – Expositores	47
Figura 10 – Público a apreciar a exposição	49
Figura 11 – Exposição, detalhe	51
Figura 12 – Concertinas e cantares	53
Figura 13 – <i>Rufeiros de Pena Má</i>	54
Figura 14 – <i>Capela Mortuária</i>	54
Figura 15 – Público das “Conversas de outros tempos”	56
Figura 16 – Jogo do Pião	57
Figura 17 – Fiskas	57
Figura 18 – Nicha	58
Figura 19 – Partidas de nicha	67

Índice de Anexos

1 - Reportagem Fotográfica

1.1 - Exposição completa

1.1.1 - Fotografias

1.1.2 - Objetos

1.2 - Fotos evento

1.2.1 - Almas Music Fest (+ 2 vídeos)

1.2.2 - Exposição

1.2.3 - Jogos

1.3 - Fotos preparação evento

2 - Vídeos *Conversas de outros tempos*

3 - Vídeos jogo da nicha

4 - Carta Recolha fotográfica

5 - Cartaz Evento

6 - Tríptico

7 - Vídeo Promocional

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	ii
Abstract	iv
Índice de Figuras	v
Índice de Anexos.....	vi
1 - Introdução.....	1
2 - Caracterização de Salamonde	3
3 - Caracterização do Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo de Salamonde (G.D.C.R.S)	6
4 - Caracterização e escolha da equipa do “Salamonde, Cruzando Memórias”	8
5 - Concetualização do projeto	9
5.1 - O tempo e a memória em Salamonde	9
5.2 - Transmissão oral	13
5.3 - Jogos tradicionais	14
5.4 - Objetos\Pertenças	17
5.5 - Música como expressão cultural	18
5.6 - Lendas	20
5.7 - Eventos históricos	21
5.8 - Esquema final.....	23
6 - Preparação do evento.....	25
6.1 - Recolha de fotografias	26
6.2 - Procura de apoios\patrocínios	32
6.3 - Almas Music Fest; Elaboração de convites, cartaz do evento e tríptico	34
6.4 - Conversas de Outros Tempos	37
6.5 - Seleção\categorização\divisão das fotografias para a exposição	39
6.6 - Preparação dos jogos tradicionais	41
6.7 - Recolha e organização dos objetos	42
6.8 - Produtos para o bar	44
6.9 - Preparação do pavilhão para o evento	45
7 - Os dias do evento	49

7.1 - Inauguração do evento e primeiro dia da exposição	49
7.2 - Almas Music Fest	52
7.3 - Segundo dia da exposição	55
7.4 - Jogos tradicionais	56
8 - Avaliação dos processos e resultados	60
8.1 - Divulgação	69
8.2 - Autocrítica\Elementos passíveis de melhora	71
9 - Considerações finais	74
Bibliografia	75

1 - Introdução

Salamonde, uma aldeia com pelo menos 800 anos de história (é citada em documentos de 1059 e é referenciada nas Inquirições de 1200, ordenadas por Afonso II), outrora chamada de Salácia ou Salveia, pertencente ao concelho de Vieira do Minho, distrito de Braga.

Foi nestes cerca de 8.4 km² que (quase) toda a ação deste projeto de intervenção foi levada a cabo, desde a sua idealização, planificação, divulgação, até ao derradeiro momento, o evento “Salamonde, Cruzando Memórias”, que marca o culminar de vários meses de trabalho, num fim-de-semana que possivelmente ficará marcado na memória coletiva da terra.

Para melhor explicar o processo que nos trouxe até aqui, parece-me de vital importância recuar até finais de 2014/inícios de 2015, altura em que passei a fazer parte da direção do Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo de Salamonde, no cargo de Vogal¹, o que me permitiu que, o que de outra forma não passaria de uma ideia, se transformasse num projeto de intervenção real, com um evento real, com repercussões reais.

Por essa altura, começou-se a falar-se da possibilidade de uma exposição fotográfica em Salamonde (em 2013 já tinha havido uma, de seu nome “Seja bem-vindo, faça o favor de entrar”, onde foram tiradas fotografias às diversas famílias da aldeia nas suas casas, para posteriormente as expor), porém, faltavam ideias. Estando eu então no primeiro ano do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, pareceu-me que fazia todo o sentido esperar um ano e poder integrar tanto a minha inclusão na direção do G.D.C.R.S como a ideia da exposição propriamente dita num projeto do mestrado em questão. Assim, estava criada a oportunidade para fazer algo útil e necessário para o meu desenvolvimento académico, juntar-lhe um gosto e prazer pessoal, e ainda poder fazer algo por uma terra que tão bem me acolheu e que, a meu ver, tanto precisava de um evento de índole cultural.

Assim, vai nascendo, aos poucos, o conceito do “Salamonde, Cruzando Memórias”. Em primeiro lugar surge a ideia de uma exposição de fotografias antigas da terra e da sua gente, o que nos remete para uma imagem do passado, e que, consequentemente, traz à tona a temática central do projeto: trazer a história de Salamonde para o presente, isto é, instigar a transmissão de manifestações culturais, nos seus diversos tipos, para gerações mais recentes, ao mesmo tempo que permitimos a gerações mais antigas o recordar e reviver dessas tradições\memórias, procurando, assim, estimular a partilha de atividades e experiências entre várias gerações, porque,

¹ Consultado em Janeiro 30, 2017, em <http://gdc-salamonde.webnode.pt/a-nossa-equipa/>

como referem Samovar, Porter e McDaniel, (2010) “The bonding together of generations reveals the clear connection between culture and communication” (p. 36).

Numa primeira instância, havia a ambição de recuar mais na história, abordando eventos e histórias mais antigas, como a célebre Batalha de Salamonde (também conhecida como *Batalha de Carvalho d’Este*), que ocorreu em 1809 com as segundas invasões francesas, ou alguns mitos e lendas que de alguma forma fazem ainda parte do imaginário e da memória da aldeia, casos da lenda das *Fragas de Pena Má*, ou da *Ponte da Mizarela*. No entanto, com o desenrolar o tempo e com a progressão do trabalho de campo, fomos interagindo na primeira pessoa com as várias gerações presentes, sendo recebidos nas suas casas, partilhando estórias e experiências, e fomos apercebendo que talvez não fosse esse o caminho mais indicado a seguir se quiséssemos realmente criar um grande impacto com o projeto. Percebemos que fazia muito mais sentido, em termos de interesse e participação da população, um evento que incidisse mais num passado recente, isto é, numa proximidade temporal que permitisse uma experiência empírica das tais manifestações culturais, por meios facilmente acessíveis a todos. Casos da exposição de fotografias e dos objetos, dos concertos, ou da participação em jogos tradicionais, através dos quais procurámos que “the past becomes the present and helps prepare for the future” (Samovar *et al*, 2010, p. 36). Este aspeto será abordado mais detalhadamente no capítulo “Concetualização do projeto”, onde apresentaremos com mais cuidado as razões que nos levaram a tratar maioritariamente do passado mais recente da aldeia salamondense.

Ao projetar e organizar este evento, tivemos sempre em mente não só o impacto imediato em termos de participação (mais ou menos direta) que as pessoas poderiam ter no evento propriamente dito, mas o incitar à tomada de consciência da necessidade de uma maior preservação de atividades tradicionais e ao reavivamento de memórias. Espera-se que o trabalho de intervenção feito na freguesia tenha continuidade, quer através dos vários agentes culturais existentes na freguesia, quer através da população em si, que se pretende que, duma forma cada vez mais ativa, vá participado neste complexo processo que é o de reanimar as expressões culturais que fizeram e podem voltar a fazer parte do quotidiano dos Salamondenses.

2 - Caracterização de Salamonde

Salamonde é uma aldeia do Baixo Minho, distrito de Braga e Concelho de Vieira do Minho. Conta com cerca de 8.4 km² de área, e a sua população residente era, em 2011, de 387 pessoas, sendo 168 deles homens e 185 mulheres².

Poder-se-ão perguntar a importância destes dados. Cremos ser de extrema importância que o leitor, que não tem porque ter qualquer familiaridade com Salamonde e a sua população, esteja minimamente inserido do contexto em que se passaram a maior parte dos acontecimentos que serão referidos ao longo desta reflexão. Para isso, iremos durante este capítulo fazer algumas observações sobre algumas características da aldeia e dos seus habitantes.

Para tal, iremos socorrer-nos, pois claro, do nosso conhecimento da terra e, para uma maior objetividade, iremos consultar alguns dados nos censos feitos pelo Instituto Nacional de Estatística. Os últimos censos em Portugal foram feitos em 2011, o que faz com que os dados não sejam perfeitas representações da atualidade salamondense. São, no entanto, o mais próximo da verdade que é possível obter.

Salamonde é uma terra com mais de 800 anos, o que a torna repleta de história e que, consequentemente, a irá tornar numa aldeia repleta de identidade. Talvez os motivos de maior destaque desta terra, em termos históricos, tenham sido a *Batalha de Carvalho d'Este*, parte das segundas invasões francesas em 1809, e a publicação da *Cartilha da Doutrina Cristã*, pelo Abade de Salamonde, por volta de 1866.

Sendo uma aldeia portuguesa, os fluxos migratórios tornaram-na numa terra com uma população envelhecida onde, dos 387 residentes, 353 estão presentes (ainda que o número de emigrantes seja de longe superior à subtração entre estes dois valores) e, de entre os residentes, 106 têm mais de 65 anos e apenas 28 têm menos de 14 anos de idade. Este último valor representa uma descida de mais de 50% em relação aos dados de 2001, onde se contavam 60 crianças com menos de 14 anos. Dos 309 alojamentos familiares existentes, apenas 202 são habitados (e uma boa parte deles habitados esporadicamente), por 144 famílias salamondenses.

Em relação aos níveis de escolaridade, 70 pessoas (tendo em conta a população residente) acabariam por fazer o ensino secundário até ao fim, 25 das quais completaram inclusivamente um curso superior. Ainda assim, em 2011 Salamonde apresentava uma taxa de

² Todos os dados estatísticos foram consultados em Janeiro 7, 2017, em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

analfabetismo algo elevada, nos 8,33 pontos percentuais, mais de 3 pontos acima da média nacional, que era então de 5,23%.

O que nos traz à empregabilidade da população salamondense. Dos 164 economicamente ativos, 131 dos habitantes estão empregados. A maior parte (71) exerce funções no setor terciário, 39 dos quais relacionados com atividades económicas e 32 em funções de natureza social. Destes últimos, a maior parte será empregada pela *Associação de S. Gens*, uma associação local encarregue de cozinhar e entregar comida a alguns habitantes mais idosos e, mais recentemente, a associação que gere o lar de 3ª idade da freguesia. Verificámos ainda que 59 pessoas trabalham no setor secundário, e apenas uma está assinalada como trabalhando no setor primário. Este último valor apresenta-se-nos como surpreendente, pois seria espetável que numa aldeia minhota houvesse mais pessoas a viver da agricultura, da pecuária, etc. e, de facto, o que não falta em Salamonde são campos de cultivo e de pasto. O que podemos concluir destes números é que, ainda que as atividades de setor primário estejam indubitavelmente presentes na vida salamondense, serão, na esmagadora maioria das vezes, usados como uma fonte secundária de rendimentos ou de produtos, mantendo um outro emprego como principal atividade económica.

Os restantes 33 habitantes economicamente ativos encontram-se no desemprego, sendo que apenas 4 estão ainda à procura do seu primeiro emprego. Estes números refletem-se numa taxa de desemprego de 20,12%, bastante acima da média portuguesa que, em 2011, se fixava nos 13,18%.

Ainda assim, algo em que Salamonde se destaca por entre as aldeias da redondeza é pelo seu associativismo e espírito festivo. Desde o nosso Grupo Desportivo, que iremos caracterizar no capítulo seguinte, referindo as várias atividades que vai organizando regularmente, à comissão de festas que, mudando todos os anos de elementos e tendo um ano para arrecadar dinheiro para as grandiosas festas de agosto, ao longo do ano organiza sempre bastantes atividades, para deleite da população salamondense. Existe também a festa de S. Gens, organizada por uma também rotativa comissão por mulheres da terra, e o mais recente “Rufa Salamonde”, organizado pelos *Rufeiros de Pena Má* que, na sua última edição, contou com a presença de onze grupos tradicionais de percussão, oriundos de várias partes do território nacional. Também a Cruz Vermelha organiza todos os anos uma festa no seu aniversário, num almoço que reúne sempre um número bastante generoso de habitantes da terra, para além da Feirinha da Aldeia, organizada todos os anos pela Junta de Freguesia.

Sendo esta aldeia uma terra de gente participativa, mas com alguma falta de iniciativa para atividades fora de um espectro mais popular, pareceu-nos que estava na altura de se fazer um evento de índole cultural, uma coisa diferente, com mais conteúdo, mais história, procurando também o entretenimento, sem dúvida, mantendo os costumes, e até reforçando costumes antigos.

3 - Caracterização do Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo de Salamonde (G.D.C.R.S)

Como já foi referido na introdução, este projeto, além de um projeto de intervenção inserido no Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, é também um evento coordenado pelo G.D.C.R.S, mais concretamente por uma equipa 6/7 elementos que escolhi e que se disponibilizaram para trabalhar numa primeira linha com vista à realização do “Salamonde, Cruzando Memórias”.

Por ser uma parte absolutamente fulcral na concretização deste projeto, parece-me de vital importância apresentar esta instituição quase quadragenária que é o Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo de Salamonde.

Esta instituição foi fundada a 23 de Outubro de 1977 e atualmente conta com mais de 140 associados. É uma instituição bastante eclética mas, como podemos facilmente deduzir pelo meio em que se insere, as funções que durante a maior parte da sua história tiveram mais relevância foram no âmbito desportivo. Isto reflete-se num dos seus maiores feitos, que julgo poder considerar ter sido a criação de uma equipa de futebol 11 durante os anos 70 e 80, que chegou inclusivamente a competir na 1ª divisão distrital da A.F. Braga na época de 1983\84, algo que, até à data, no concelho, era feito exclusivo do Vieira S.C.

É com estes feitos que surge grande parte do património atual do G.D.C.R.S. Refiro-me ao campo de futebol 11, inaugurado em 1978, conhecido como o *Campo da Paixão*, que foi o recinto da equipa durante todos os anos da sua existência, e do ringue de futebol de 5, acabado em 1983 que, além de muitas “peladinhas” amigáveis, já foi palco de bastantes torneios, alguns deles internos e vários inter-freguesias.

Ainda assim, em termos de património construído, destaca-se o pavilhão que, inaugurado em 1999, serve de casa tanto ao próprio G.D.C.R.S, como a boa parte de instituições sediadas em Salamonde. Desde a *Associação de Caçadores*, à *Comissão de Baldios*, passando também pela já mencionada *Associação de S. Gens*.

Além de funcionar como sede, este pavilhão desempenha também funções de salão de festas para as mais variadas ocasiões, local de torneios (jogos de cartas e afins), e inclusivamente espaço para ensino musical (concertinas e cavaquinhos, por exemplo). Foi neste pavilhão que decorreu a inauguração, exposição e concertos do “Salamonde, Cruzando Memórias”.

Em termos de organização de eventos, o G.D.C.R.S é a única instituição em Salamonde que o faz constante e ininterruptamente (a comissão de festas poderá ser a instituição que organiza

mais atividades, mas os seus elementos mudam a cada ano), e fá-lo de forma eclética, com diferentes eventos para satisfazer os gostos da maior parte das pessoas. Dentro dos vários eventos, creio poder destacar os seguintes exemplos:

- Todos os anos o G.D.C.R.S organiza no pavilhão o “Cantar das Janeiras”, com diversos grupos quer da aldeia quer das proximidades;
- Em todos os carnavais se organiza um desfile e concurso de máscaras, além da tradição local do “Enterro do Artur”;
- Nos feriados de 25 de Abril e\ou no 1º de Maio organiza-se um evento desportivo, desde corridas, jogos de futebol, ou corridas de carrinhos de rolamentos;
- No aniversário do G.D.C.R.S há também sempre algum evento desportivo, tendo havido, no último ano, uma inovação. Pela 1ª vez em Salamonde organizamos um *Peddy-paper* pelas ruas e caminhos da aldeia, evento com bastante sucesso;
- Nas festividades natalícias, organiza-se também, em colaboração com a Junta de Freguesia, uma festa de Natal para idosos e crianças, habitualmente com animação teatral e\ou musical.

4 - Caracterização e escolha da equipa do “Salamonde, Cruzando Memórias”

Logo à partida, na escolha da equipa que me iria ajudar ao longo de vários meses nas mais diversas tarefas, houve o cuidado de escolher um grupo de pessoas o mais heterogéneo possível, quer em termos funcionais quer no que toca à ligação à terra e à sua história, porque “as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente” (Connerton, 1993, p. 3).

Procurei que o grupo abrangesse diversas faixas etárias (dos 20 aos 60), que houvesse personalidades diferentes, em que uns fossem mais indicados para a organização, planeamento e divulgação, outros para um trabalho mais de contacto direto com a população, com mais à vontade com um grande número de pessoas e com capacidade para despertar mais curiosidade no público-alvo. Também foi tida em conta a capacidade de trabalho, a facilidade para “por as mãos na massa”, para as alturas em que já não é necessário pensar ou planejar, mas, de facto, fazer. Existiu também algum cuidado para que os membros da equipa pertencessem também a famílias diferentes, isto porque à partida iria facilitar a primeira e a mais longa fase do trabalho, a recolha das fotografias. Uma maior abrangência em termos familiares iria permitir um maior “à vontade” na abordagem às pessoas que talvez, em situação normal, pudessem mostrar maior relutância na cedência das suas fotografias pessoais. Desta forma, conhecendo e tendo confiança nas pessoas que as abordaram nesse sentido, juntamente com o facto de reconhecerem a importância do trabalho que estávamos a fazer e a seriedade com que o encarámos, as pessoas mostraram-se, por norma, mais disponíveis para colaborar, emprestando-nos as fotografias, recebendo-nos em suas casas, dando-nos conselhos, e disponibilizando-se para nos ajudar das mais diversas formas.

Assim ficou definida a equipa do “Salamonde, Cruzando Memórias”. Ao longo dos meses foram havendo membros mais ou menos presentes mas, no final de contas, todos acabaram por participar nas alturas em que mais faziam falta, e acabaram por corresponder àquilo que era a ideia inicial, isto é, envolveram-se mais nos aspetos que à partida eram os mais indicados para cada um deles, dentro de uma logística de trabalho coletivo que não dispensou, nos momentos de maior aperto, um forcing geral por parte de todos os membros da equipa, e inclusivamente de elementos externos que, puramente pelo reconhecimento daquilo que estava a ser feito e pela amizade para connosco, prontamente nos vieram dar uma tão necessária “mãozinha”.

5 - Concetualização do projeto

Neste capítulo iremos refletir sobre as motivações por detrás do projeto, quer do ponto de vista das ideias, daquilo que procurámos que fosse transmitido com as nossas ações, quer de um ponto de vista mais prático, mais material, isto é, os motivos que, na prática, nos levaram a escolher fazer o que fizemos, da forma que o fizemos, quando e onde o fizemos.

Aqui apresentaremos os objetivos iniciais que funcionaram como base das nossas ações subsequentes, dos conceitos teóricos nos quais nos apoiámos ao longo de todo o processo e, dentro do possível, iremos tentar explicar da melhor forma o processo de planificação que levámos a cabo até ao início das operações propriamente ditas. É evidente que, com o desenrolar do trabalho prático (que iremos abordar num capítulo posterior), a planificação foi sofrendo alterações. No entanto, isso é algo previsível desde o início e que de forma alguma abala a importância de uma planificação apriorística. Simplesmente fomos percebendo, com o avanço do trabalho, que algumas das conceções e estratégias que tínhamos em mente deveriam ser modificadas\substituídas de forma a transmitir as nossas ideias de forma mais eficaz e a estreitar a relação entre nós, a equipa e o conceito do “Salamonde, Cruzando Memórias”, e a população Salamondense, que, além de destinatária final dos nossos trabalhos, foi também parte essencial no que toca à sua produção e realização. Isto é, sendo o resultado final deste projeto um evento direcionado para a população, sem essa mesma população a colaborar na parte da sua preparação e execução, o resultado final não seria possível. Isto enquadra-se largamente num dos nossos objetivos principais: o da integração e participação ativa das pessoas dos vários extratos sociais de Salamonde em atividades culturais que abordem a história da aldeia e a forma como esta se reflete na população atual, através daquilo a que podemos chamar de memória social.

5.1 - O tempo e a memória em Salamonde

“Independentemente da capacidade técnica de fragmentar o tempo com precisão, a *temporalidade*, isto é, o modo como o tempo é vivido e a sua natureza apreendida, faz-se sempre num contexto cultural específico e é isso que o constitui em produto social” (Cunha, 2006, p. 52)

Como foi referido anteriormente, a primeira ideia, antes ainda de pensarmos em fazer o “Salamonde, Cruzando Memórias”, era apenas a de organizar uma exposição fotográfica. Com a

oportunidade de fazer um projeto de intervenção e o surgimento da ideia de uma recolha de fotografias antigas junto das famílias da aldeia, começamo-nos a aperceber daquele que poderia ser o tema deste projeto: o passado de Salamonde e a sua relação com a população presente.

Tema talvez seja um termo demasiado vago, por isso vamos optar por usar os conceitos que Cerezuela (2011, p. 150) nos oferece para um melhor entendimento daquilo a que nos referimos. Desta forma, o que designei anteriormente de tema será designado por conteúdo, e distingue-se dos outros três conceitos fundamentais na elaboração deste projeto: o objetivo, a estratégia e a atividade (que seria a exposição das fotografias antigas). Claro que estas noções não têm por que ser individuais, isto é, um projeto pode muito bem ter mais do que um objetivo, um conteúdo, uma estratégia ou uma atividade, tudo depende daquilo que se propõe fazer e como se propõe a fazê-lo. Assim, naquele momento, com a ideia da exposição de fotografias e a vontade de abordar a questão dos reflexos do passado no presente de Salamonde, à partida já se iam formando e definindo umas linhas iniciais em relação a esses conceitos, a ver:

- Conteúdo – o passado de Salamonde e a sua relação com a população atual;
- Atividade – recolha porta-a-porta e exposição de fotografias antigas da aldeia e das pessoas.

O que nos ajuda a descobrir os dois restantes

- Objetivo – Trazer o passado para o presente, fortalecendo a sua ligação;
- Estratégia – recolhendo e expondo fotografias antigas, permitindo aos mais antigos recordar e aos mais novos aprender.

Ou seja, tínhamos definido aquilo que queríamos fazer, aquilo que pretendíamos mudar\melhorar, e as condições e estratégias que tínhamos ao nosso dispor para o fazer.

Sea como sea, en un proyecto acaban apareciendo siempre los mismos elementos: la voluntad de lograr algo, mediante el uso de los recursos con que contamos. Un proyecto es una manera de generar un cambio, una mejora en nuestro entorno (Cerezuela, 2011, p. 23).

Relembro que estamos a referir-nos a uma fase quase embrionária da concetualização deste projeto, qualquer um destes conceitos viria a ser consideravelmente modificado e melhorado. Contudo, estavam já lançadas as bases para o que viria a acontecer durante quase um ano, e, acima de tudo, sabíamos que estávamos perante um desafio muito interessante ao

querer pegar em “peças” do passado de Salomonde e, aprendendo ou recordando, fortalecer a memória social ou coletiva³.

Este capítulo focar-se-á na construção da ideia do que seria o projeto, logo não serão necessários grandes marcadores temporais, ao contrário do capítulo “Preparação do Evento”, onde estes serão essenciais para explicar o desenvolvimento do trabalho prático. No entanto, parece-nos relevante referir que, até então, estas ideias tinham sido discutidas entre amigos, membros da direção do G.D.C.R.S, de forma informal e apenas como possíveis planos, e que os desenvolvimentos subsequentes serão já posteriores à minha apresentação da ideia numa reunião de direção do G.D.C.R.S e à escolha dos membros da equipa que juntos concebemos este plano e o levámos a cabo.

Chegados a esta fase, a missão a seguir consistiu na procura de outros elementos que pudessem contribuir para ambos os objetivos, isto é, o de fortalecer as ligações entre o passado e o presente, e o de proporcionar um evento de agrado da população, que causasse interesse e divertimento, o que obviamente seria essencial para a potencialização do objetivo principal. Este segundo objetivo não foi mencionado anteriormente nem lhe daremos grande importância numa fase inicial porque é um objetivo implícito em qualquer projeto desta índole, qualquer projeto para um público pretende-se que seja do agrado desse mesmo público. O objetivo que pretendemos e a mensagem que queremos transmitir não poderão ter sucesso se a(s) atividade(s) não tiverem participação e\ou não forem do agrado do público consumidor.

Ora, com a equipa formada, fomos pensando em que outras atividades poderiam ser acrescentadas à exposição, e que outros assuntos poderíamos abordar. Das ideias que foram surgindo, umas foram-se desenvolvendo e acabaram por fazer parte do resultado final, outras, por variados motivos que explicitaremos adiante, foram-se perdendo ou sendo postas de parte, mas tendo-as sempre em consideração para atividades futuras por parte do G.D.C.R.S.

Indo ao cerne da questão, as ideias que surgiram e foram equacionadas para o evento foram as seguintes:

- Além da recolha e exposição das fotografias antigas, fazer o mesmo com objetos antigos. Num meio rural, são usados muitos tipos de objetos nas mais diversas áreas, seja o trabalho no campo, a caça e a pesca, a cozinha, etc... e esses utensílios, apesar de irem evoluindo e modificando-se, vão-se mantendo no seu propósito original e na memória dos mais antigos, tal como as fotografias;

³ Nesta reflexão não iremos distinguir entre memória social e memória coletiva, serão tratados como sinónimos.

- Fazer um evento com jogos tradicionais. Em conversas com os membros mais velhos do grupo (e fora do grupo), fomos tomando conhecimento de alguns jogos que se praticavam antigamente em Salamonde, principalmente quando os jovens que levavam o gado ao monte se encontravam e brincavam. Um em particular destacava-se dos demais, mas lá chegaremos;
- Organizar uma atividade musical que consiga ser diversificada e abranger os diversos estilos e gerações de música que se foram praticando ao longo dos anos em Salamonde;
- Desenvolver uma secção de “mitos e lendas” que fazem parte da história da aldeia. Com metodologia indefinida, poderia ser por transmissão oral, por representação teatral, ou por um misto das duas;
- Recordar eventos históricos importantes para a terra, por exemplo a *Batalha de Carvalho d’Este*, ou a publicação da *Cartilha da Doutrina Cristã*, por parte de António José de Mesquita Pimentel, mais conhecido como o Abade de Salamonde. Também esta ideia estava indefinida no tocante à sua transformação em atividade;
- Filmar e exhibir umas conversas informais com alguns dos membros mais antigos da comunidade Salamondense, como forma de partilha de estórias, experiências, tradições, e também, possivelmente, como forma de ajudar a materializar as duas ideias anteriores.

Ora, com estas novas ideias e uma maior definição daquilo que poderiam ser as atividades, fomos também apercebendo que o conteúdo deste projeto não seria “apenas” o passado de Salamonde de uma forma tão simplista quanto pensámos numa primeira abordagem. Aquilo que abordámos prende-se muito com as noções de identidade e de memória social, isto é, a ligação da população de Salamonde, como conjunto de indivíduos singulares que formam uma coletividade, ao seu passado e, além disso, as implicações desse mesmo coletivo com diferenciação entre a memória individual e a memória coletiva que, entre elas, se influenciam mutuamente. Por outras palavras, “A memória individual é inseparável da memória coletiva pois esta é que lhe dá os instrumentos de construção do seu passado, como por exemplo, as expressões verbais, os gestos, as mímicas, os sentimentos e os rituais.” (Freitas, 2013, p. 27) Mas também “a memória coletiva surge como uma estrutura de relações entre as memórias individuais” (Cunha, 2006, p. 63).

Em primeiro lugar, parece-nos importante referir o que é que, neste caso em particular, estamos a abordar. A memória social ou coletiva pode ser dividida em quantas culturas,

comunidades, grupos ou subgrupos quisermos dividir a humanidade, e em quantas épocas, gerações, eras ou períodos temporais a quisermos dividir. Assim, “O tempo e o espaço revelam-se as categorias centrais a partir das quais a memória social se constrói.” (Cunha, 2006, p. 59) Neste caso em especial, torna-se evidente que o grupo a que nos referimos é a população Salamondense. Em relação à dimensão temporal, a resposta pode ser algo bipartida, uma vez que a população sobre a qual vai recair o projeto será obviamente a população atual, viva, mas o seu conteúdo recairá sobre o passado da aldeia e a sua relação com a tal população atual.

Fomos então ficando mais esclarecidos sobre aquilo que queríamos abordar e aquilo que pretendíamos fazer. Procurando elementos do passado que nos pareçam interessantes e inserindo-os, ainda que num evento específico, na sociedade atual, estaremos a valorizar o nosso passado e, por consequência, o presente, a identidade da terra. Vamos agora ver de que forma é que aquilo sobre o qual o nosso plano de intervenção se vai debruçar pode ser sustentado com as possibilidades equacionadas para o transmitir.

5.2 - Transmissão oral

Indudablemente, también los abuelos, las personas mayores, son “de su tiempo”
(Halbwachs, 2004, p. 65)

As pessoas mais velhas, fazendo parte da sociedade atual, que o fazem, pois estão cá, são ao mesmo tempo “de outro tempo”, viveram um passado mais longínquo, e isso não é só algo que se diz, é algo que está presente, que se reflete em todos os aspetos pessoais, sociais, etc. desses indivíduos que, por consequência, se irão refletir na sociedade da qual fazem parte.

Esses elementos, principalmente em meios rurais ou de menores dimensões, irão, involuntariamente, ter uma maior influência na memória social desse meio, uma vez que estiveram presentes em mais gerações, tiveram contacto direto com pessoas e modos de vida que já nem fazem parte do nosso imaginário. E que melhor forma de transmitir esses conhecimentos, essas experiências, essas memórias, do que contá-las e ouvi-las em 1ª mão? Se “muita da nossa interação é levada a cabo através de fala ou de conversas” (Giddens, 1997, p. 121), esta será, então, uma das formas mais diretas de transmitir memórias, até porque a linguagem está diretamente ligada à cultura. “Culture is based on symbols” (Samovar, Porter & McDaniel, 2010, p. 37), o que significa a transmissão cultural é impossível sem o recurso a elementos simbólicos que permitam a comunicação, isto é, meios de transformar informação particular em informação

transmissível e, “the most important symbolic aspect of culture is language—using words to represent objects and ideas” (Haviland, Prins, Walrath & McBride, citado por Samovar *et al*, 2010, pp. 37-38).

Um Homem de 80, 90 anos pode, a título de exemplo, ter ouvido, quando era novo, uma história ou uma façanha de há 120 ou 150 anos por parte de alguém que fez parte dessa mesma história quando esse alguém era jovem, enquanto nós podemos ouvir essa mesma façanha por um percurso muito mais atribulado, sendo transmitida por várias gerações, chegando a nós numa versão já bastante distorcida, um pouco à imagem do popular jogo infantil “telefone estragado”. Estas pessoas têm uma grande importância naquilo que procurámos como nosso projeto, pois são exemplos vivos de “lo que conserva de la sociedad antigua en la que vivió, se formó y cuya huella tiene marcada” (Halbwachs, 2004, p. 65) e, como não poderia deixar de ser, tentamos tirar o máximo proveito disso.

Com as gravações e exibições das conversas com alguns dos indivíduos mais antigos e ativos na sociedade salomondense, pretendemos capturar um bocado dessa transmissão oral, ainda que reproduzida em vídeo. Assim, encontramos na exibição das “Conversas de Outros Tempos” um complemento perfeitamente em sintonia com a exibição fotográfica, ficando, já na altura, planeadas duas atividades baseadas em dois dos elementos mais fundamentais da transmissão da memória social e da cultura. Como nos dizem Fentress e Wickham, “Imagens e palavras são portanto duas das mais importantes componentes na nossa memória das narrativas” (1992, p. 70).

5.3 - Jogos tradicionais

Os elementos do folclore infantil que constituem grande parte do património lúdico das crianças são todos tradicionais, o que quer dizer que são valores vindos de nosso passado, do período da nossa

formação, constituindo o ambiente moral em que nos formamos.

(Fernandes, citado por Friedmann, 1995, p. 54-55)

Os jogos tradicionais são outra significativa forma de manifestação e transmissão de cultura. Apesar dos mais populares serem jogados, com algumas variações, em várias regiões\países\continentes, estes parecem transmitir-se pela experiência apenas, isto é, não são ensinados por livros, pelos media ou por outros que tais, são ensinados pelos pais, pelos avós, pelos amigos mais velhos. “[T]odos estes jogos, praticados pelas crianças ou pelos adultos, são

muito antigos e foram criados, sem dúvida, pelos seus praticantes, a partir da recolha dos mais velhos, e, frequentemente, adaptados às situações de momento” (Guedes, citado por Silveira, 2011, p. 100). Estes jogos são essenciais numa fase inicial do desenvolvimento cognitivo, físico, social e cultural de um jovem membro de uma sociedade, pois são das primeiras formas mais intensas de integração no meio, e um dos primeiros passos na formulação da sua identidade pessoal, da sua personalidade. A competitividade, o companheirismo, o bom ganhar e perder são vários dos aspetos interiorizados nas práticas desses jogos desde uma tenra idade, “[c]ompreendendo o brincar/jogar como uma necessidade da criança, e sua essência de suma importância na sua formação e no seu desenvolvimento cultural e social.” (Silveira, 2011, p. 17). São também, segundo Huizinga (2003), uma atividade lúdica inata, também observável em grande parte dos animais, que funcionam como escape, como entretenimento, como expressão corporal, como exercício.

Porém, é nas particularidades desses jogos que se manifesta de forma mais evidente a identidade cultural, elas refletem as duas categorias fundamentais da memória social, o tempo e o espaço. “Portanto, é legítimo afirmarmos que os jogos representam um determinado momento histórico, pois nas marcas de sua existência são nítidas as diferentes inquietações e técnicas que os mesmos traduzem culturalmente.” (Dias, citado por Silveira, 2011, p. 16). A forma de jogar determinado jogo, ou o simples facto de o jogar, é sempre uma influência do meio circundante, apenas é possível porque existem condições geográficas, geológicas, meteorológicas que permitem a sua execução, e está sempre dependente dos recursos materiais, técnicos ou tecnológicos disponíveis a dada altura em determinado local. Como exemplo prático podemos referir o jogo da malha, que por si só possui inúmeras variantes regulamentárias só em Portugal, e cujo conceito é tão adaptável e verificável em outras culturas ou meios diferentes, casos da *pétanque*, do *curling* ou do próprio *boccia*, que, de forma tão distinta, fazem uso do mesmo conceito na prática desse jogo. Assim, estes jogos são tanto influenciados num primeiro plano pela cultura local de onde se desenrolam e, num segundo plano, pela sociedade global, que determina, de uma forma cada vez mais evidente, os recursos (cada vez mais tecnológicos que técnicos) à disposição para os jogos\brincadeiras.

Nesse sentido reconhecemos o brincar/jogar como uma aprendizagem sociocultural, que vai reestruturando-se e acomodando-se, conforme as peculiaridades do meio, ou seja, o contexto no qual a criança se encontra inserida é seu maior determinante cultural. O que nos permite afirmar que antes de ser atingida pela cultura global, a criança é invadida pela

cultura local e que o modo como os grupos se organizam socialmente é o melhor caminho para a compreensão da transmissão cultural. (Silveira, 2011, p. 17)

No entanto, nesta era da sociedade globalizada, com o aumento exponencial dos recursos tecnológicos e do seu fácil acesso, este tipo de jogos e brincadeiras tem vindo a desaparecer gradualmente do quotidiano dos jovens. “Na sociedade contemporânea, grande parte dos jogos tradicionais (...) estão desaparecendo devido à influência dos meios de comunicação de massa que cada vez mais apelam para o consumo abusivo dos jogos eletrônicos” (Silveira, 2011, p. 22). É nessa perspetiva que a nossa ideia dos jogos tradicionais ganha sentido. Uma vez que em Salamonde obviamente também se verifica um desaparecimento desses jogos, o ritual de passagem, o ensino desses jogos também se foi perdendo, e esse é, como já referimos, um forte sustentáculo na transmissão da identidade cultural de uma comunidade. Se há cinquenta anos os jovens se entretinham durante os tempos livres com jogos na rua, com brincadeiras que envolviam atividade física, comunicação e socialização com outros jovens de idades semelhantes, e mesmo quando iam levar o gado a pastar, o pão a cozer, ou outras lides então habituais se juntavam para jogar esses jogos, nos últimos anos é muito maior o tempo passado em frente à televisão, consolas, computadores, telemóveis e *tablets*. Ora isso propicia, à partida, além de um estilo de vida sedentário, à falta do tipo de socialização presente na aprendizagem e no jogo em si, tal como priva também, a longo prazo, a passagem pela fase do ensinar à geração seguinte. Em síntese:

(...) existem diferenças consideráveis entre o brincar de ontem e o brincar de hoje. Embora não se pretenda dizer que uma forma é superior a outra, o certo é que o jogo e a brincadeira de hoje criaram estilos de vida mais individuais, sedentários e, nesse sentido, menos propícios à convivialidade e ao movimento necessário a uma vida saudável. (Silveira, 2011, p. 22)

No “Salamonde, Cruzando Memórias”, procurámos proporcionar essa oportunidade, permitindo aos mais antigos voltar a praticar jogos da sua juventude e ensiná-los, tal como aos mais novos aprendê-los, jogá-los, e absorver um pouco da identidade cultural presente nessas atividades das quais não puderam anteriormente usufruir.

5.4 - Objetos\Pertenças

Os objetos, os bens fundiários e a casa, transmitem significados de foro simbólico, económico e social.

(Vilaça, 2012, p. 387)

Em grande parte das casas familiares existem objetos guardados como recordação ou herança, objetos cuja utilidade é inexistente, fruto do desenvolvimento técnico que torna esse utensílio obsoleto, ou simplesmente porque a atividade para a qual ele era usado já não é praticada. Numa comunidade rural isso é ainda mais comum, onde práticas como a caça, pesca, agricultura, pecuária, artesanato, tecelagem e outras relacionadas são ainda bastante atuais, mas os instrumentos usados para tal foram sofrendo evoluções e caindo em desuso.

Se para a maioria da população minhota a agricultura foi a principal atividade económica, para os artesãos rurais foi uma atividade paralela, mas fundamental, para fazer face às dificuldades da vida. Por isso, mesmo entre os artesãos rurais, raramente faltava a enxada ou a sachola para cultivar o seu pedaço de horta ou leira. (Vilaça, 2012, pp. 184-185)

No entanto, não foi por terem caído em desuso que estas peças deixaram de existir e de estar presentes nas habitações salamondenses. Como pudemos verificar, muitas famílias têm ainda em sua posse diversos objetos antigos, quer de lide doméstica, quer de atividades relacionadas com a sua família, ou também ofertas de outros tempos guardadas com muita estima. Foi isso que projetámos exibir na exposição de objetos antigos, simultânea e complementar à exposição de fotografias, procurando, de uma forma o mais representativa possível, mostrar utensílios de outros tempos, que representassem atividades de antigamente, quando:

(...) o Minho não se revestia apenas de pequenas leiras. Os “campos de pão” também faziam parte da sua paisagem, onde era indispensável o uso do arado e da grade no desterroar da terra assim como a existência de carros de bois para o transporte de estrume, de mato para as camas dos animais e para o transporte das colheitas; a produção vinícola impunha a posse de instrumentos para a vindima e para o armazenamento do vinho. (Vilaça, 2012, p. 189)

Sendo Salamonde uma aldeia minhota, tornou-se à partida óbvio que instrumentos relacionados com a lavoura, desde arados a fouchinhas, não iriam faltar, juntamente com utensílios domésticos. Porém, tentámos ser o mais ecléticos possível e procurámos obter objetos relativos a vários elementos importantes na história da freguesia, exemplos do material de recolha e tratamento da lã e principalmente do linho, em tempos imagem de marca de Salamonde, ou de objetos presentes na história quer da paróquia quer da barragem de Salamonde, ambos marcos simbólicos da aldeia.

5.5 - Música como expressão cultural

“If we look at all the societies and cultures known to us and look at all the historical societies of the past to the degree that we can discern, we can deduce with a high degree of certainty that music has always played an important role in human society”
(Garfias, 2004, p. 1)

A música será provavelmente das expressões artísticas mais antigas e culturalmente expressivas. Não sendo possível determinar com certeza a datação da sua origem, existem evidências de que já era praticada pelos Neandertais com recurso a instrumentação, nomeadamente uma forma rudimentar de flauta (Garfias, 2004), e pode ser ouvida nos quatro cantos do mundo, o que faz dela uma forma artística transversal à humanidade quer temporal quer geograficamente.

É uma forma de arte que podemos considerar ilimitada, face aos inúmeros aspetos em que pode variar, desde o ritmo, aos instrumentos usados, às combinações melódicas, às harmonias, às vozes, aos idiomas, às palavras, e isso vê-se nas diferenças daquilo que é a música tradicional nos diferentes continentes, países, e regiões. Podemos observar que, quanto mais longe forem duas regiões, ou duas comunidades, mais diferenças haverá nas características fundamentais das suas músicas tradicionais. Por exemplo, mesmo conseguindo distinguir claramente um cantar tradicional minhoto de um alentejano, conseguimos ver-lhes claramente uma maior semelhança do que se compararmos qualquer um deles a um qualquer cantar típico africano, que por sua vez será diferente mas terá muitas mais semelhanças com um de uma comunidade mais próxima. Não é necessário um musicólogo para facilmente identificar uma música tradicional como africana, sul-americana, árabe, ou de influência cigana, por exemplo, as

diferenças são bastante claras no que toca aos aspetos que referimos anteriormente, principalmente nos ritmos e nos sons (nos instrumentos usados).

Na sociedade globalizada em que vivemos, a forma com que a indústria musical se desenvolveu permite-nos cada vez mais facilmente ouvir em qualquer parte do mundo uma música ou um álbum lançado menos de um dia antes, sem necessidade sequer de nos deslocarmos a uma loja para comprar aquilo que queremos ouvir. Esses fatores, aliados à divulgação que a música *pop* ou *mainstream* tem vindo a ter, gradualmente, desde o séc. XX, num contexto mundial, permitem-nos observar que a cultura musical tem vindo a sofrer inúmeras alterações, tendo vindo, por um lado, a homogeneizar-se, mas ao mesmo tempo a abrir-se a inúmeras possibilidades de misturas, de inovação, de transculturalidade. Como afirma Garfias (2004): “Cultural diffusion is not new and music has been affected by it in the past as in the present.” (p. 2).

Ora, Salamonde também foi tendo, ao longo dos anos, as suas expressões musicais nos mais diversos estilos e foi com isso em mente que procurámos criar um evento que o pudesse mostrar. Se nos anos 70 e 80 os homens em Salamonde se juntavam e cantavam pelas ruas e pelos cafés, ou *a capela* ou acompanhados de uma concertina ou cavaquinho, pelos 90 surge a “banda” de rock *Passados da Carola*, no novo milénio surgem cantores românticos e pimba, e nesta presente década, além da criação do grupo de bombos *Rufeiros de Pena Má* e das aulas, em Salamonde, de cavaquinho e concertina, que ajudam a preservar a música tradicional da região, apareceu também na aldeia o metal, com os *Capela Mortuária*. Com este brevíssimo resumo da história musical recente da aldeia conseguimos comprovar a ideia, expressa anteriormente, de que com o passar dos anos as influências globais têm sido mais fortes na música, levando a influências diferentes e diferentes formas de fazer música, fora do contexto mais tradicional, como faz salientar Garfias (2004) “We can understand that music must grow out of its own cultural context.” (p. 7).

Foi tendo em conta estes aspetos da música como forma dinâmica de expressão cultural que procurámos juntar o que de mais variado se fez musicalmente em Salamonde num só espetáculo, a que acabamos por chamar de “Almas Music Fest” (O local dos concertos, pavilhão do Grupo Desportivo, localiza-se no lugar “Almas”). O objetivo foi, ao mesmo tempo que proporcionávamos ao público salamondense um momento de entretenimento puro e apreciação musical, que este evento pudesse representar a vasta e eclética cultura musical que foi atravessando a freguesia nas últimas décadas, pois achamos que é um dos aspetos mais importantes na criação de uma identidade cultural. Como afirma Garfias (2004):

Music adds to the culture and is an important form and avenue for personal and group expression in it. It is also very much a product of that culture and of all the influences, historical, political, economic as well as aesthetic which have played upon it. (p. 7)

5.6 - Lendas

“[M]iths, folktales, and legends are found in every culture and deal with ideas that matter most to that culture—ideas about life, death, relationships, nature, and the like.(...) [W]hen you study the myths of a culture, you are studying that culture.”
(Samovar *et al*, 2010, p. 33)

As lendas estão presentes em boa parte das comunidades e são reflexos das suas características, não surgem de forma casual. Têm normalmente origem em crenças e\ou práticas antigas que a certa altura representaram os problemas, necessidades, aventuras e desventuras dessa comunidade. As lendas podem surgir como histórias ou como rituais, e ter as mais diversas formas e conceitos por detrás, podendo ter uma moral, um ensinamento, uma aplicação prática na vida real ou ser simplesmente um ato, baseado numa crença normalmente de índole religiosa, que, segundo a tal lenda, irá provocar alguma consequência desejada por quem o pratica. São, na nossa opinião, de grande importância na transmissão de uma memória coletiva de uma comunidade, porque “they all deal with narrative that are intended to transmit the important aspects of a culture”. (Samovar *et al*, 2010, p. 32).

As lendas podem ser transmitidas quer em formato oral, escrito, ou por ações, em qualquer contexto, seja ele familiar, escolar, religioso, e em qualquer faixa etária. Qualquer história pode ser (e é, seja voluntaria ou involuntariamente) alterada de forma a melhor servir os seus propósitos. Se, por um lado, os acontecimentos retratados numa lenda podem ser considerados reais, ou logicamente possíveis, é também um facto que a maior parte deles, principalmente os que envolvem feitos heroicos, são baseados em capacidades sobrenaturais, impossíveis ao ser humano, normalmente associadas a algum comportamento honroso ou admirável, que possa ser visto como um exemplo de carácter para os membros da cultura em que essa lenda se insere.

Também Salomonde possui as suas lendas e, numa fase de idealização do “Salamonde, Cruzando Memórias”, surgiu a possibilidade de as usarmos como mais um meio de transmissão de memórias e tradições, e a ideia era usarmos as duas lendas mais conhecidas e relevantes na

zona, a saber: a lenda da *Ponte da Mizarela*, ou *Ponte do Diabo* (que de facto não se situa em Salamonde mas sim em Ruivães, a freguesia ao lado, mas que faz parte do imaginário e da tradição do povo salamondense) e, a mais conhecida e significativa para a aldeia, a das *Fragas de Pena Má*.

No entanto, enfrentámos logo à partida vários problemas para a concretização desta ideia. Em primeiro lugar, o não surgimento de uma possibilidade de atividade representativa dessas lendas que nos satisfizesse, em termos daquilo que achamos que pudesse ser realmente interessante e agradável para o nosso público-alvo, na mesma medida das outras atividades que tínhamos em vista. Para além disso, no tocante à lenda das *Fragas de Pena Má*, que iria ser indubitavelmente o centro das atenções neste capítulo, vimo-nos perante outro problema, o da falta de acesso ao local onde tais fragas se encontram, o que impediria qualquer atividade que implicasse deslocação ao local e, assim, limitando também as nossas possibilidades. Em último lugar, quando procedemos a uma organização temporal das atividades que fariam parte do fim-de-semana do evento, chegámos à conclusão de que já tínhamos atividades suficientes para preencher os dois dias, sem correremos o risco de sermos demasiado ambiciosos e não termos capacidade de organização para todas as atividades.

Parece-me também importante referir que já está a ser preparado, para ainda este ano, por parte do G.D.C.R.S., uma ação para limpar e tornar acessível o caminho para as *Fragas de Pena Má*, pois ao fazer-se este projeto essa questão foi levantada por várias vezes e, com isso, a ideia de fazer algum evento relacionado com as lendas, principalmente com a das fragas, vai crescendo e em princípio em 2017 algum evento ganhará vida.

5.7 - Eventos históricos

Existe la opinión generalizada de que la historia, en cambio, se interesa quizás demasiado en exclusiva por el orden de sucesión cronológica de los acontecimientos en el tiempo.

(Halbwachs, 2004, p. 107)

Quando nos propusemos a abordar os eventos históricos de maior relevância de Salamonde, nomeadamente a *Batalha de Carvalho d'Este* e a publicação da *Cartilha da Doutrina Cristã* tínhamos como objetivo que, ao relembrar e chamar a atenção aos salamodenses dos grandes feitos passados na aldeia, fôssemos capazes e suscitar uma espécie de empatia, de

orgulho pela terra, por assim dizer. No entanto, fomos desde cedo percebendo que aquilo que pensámos à partida não era exatamente aquilo que se passava na realidade.

Em primeiro lugar não tivemos em conta que, num passado recente, esses acontecimentos já tinham sido alvo, de uma maneira ou outra, de eventos comemorativos. Se a 1ª edição da Cartilha estima-se que date de 1866, já em 2005 foi reeditada, em versão fac-simile, numa produção de 500 unidades, iniciativa do G.D.C.R.S. Também em 2009 foi celebrado o bicentenário da *Batalha de Carvalho d'Este*, tendo surgido numa altura muito mais oportuna e significativa que a nossa para tais celebrações, e está ainda presente na memória recente dos salamondenses.

Para além disso, e motivo principal para termos acabado por não levar esta ideia para a frente, foi o facto de, conforme fomos interagindo com as pessoas e falando-lhes do conceito do “Salamonde, Cruzando Memórias”, termo-nos ido apercebendo de que estes feitos, que numa primeira impressão nos pareciam tão prometedores, não suscitavam tanto interesse quanto pensámos, sendo inclusivamente a ideia que menos entusiasmo nos pareceu causar, no completo oposto da exposição de fotografias ou dos jogos tradicionais, por exemplo. Isso, pensamos nós, deve-se a dois fatores, que nos parecem estar relacionados. Em primeiro lugar à grande distância temporal entre os acontecimentos que pretendíamos celebrar\retratar e o presente, o que leva a alguma indiferença por parte dos salamondenses, se compararmos com as fotografias, objetos, jogos ou música, que fazem parte dum passado muito mais recente, suscetível de uma maior identificação uma vez que, para a maior parte do nosso público-alvo, o passado retratado é um passado que foi por eles presenciado ou que, no máximo, foi presenciado pelos seus pais. Isto está relacionado, a nosso ver, com uma distinção a nível teórico, que aparentemente se verifica também na prática, mesmo sem uma noção real desta diferença. Estamos a referir-nos à “verdadeira oposição” feita por Halbwachs “entre *memória* e *história*” (Cunha, 2005, p. 68) ou, se preferirmos, entre memória coletiva e memória histórica. A memória histórica conserva na sua maior parte as diferenças, isto é, as mudanças, os acontecimentos de maior relevância, ordenados por ordem cronológica,

(..) pero las diferencias o los cambios marcan sólo el paso brusco y casi inmediato de un estado duradero a otro estado duradero. Cuando nos abstraemos de los estados o intervalos para retener únicamente sus límites, en realidad dejamos caer lo más sustancial en el tiempo en sí. (Halbwachs, 2004, p. 107)

Ou seja, a memória histórica abarca aqueles que podem ser considerados os momentos mais importantes de uma sociedade, do ponto de vista de alguém fora dessa sociedade, deixando de fora todos aqueles intervalos não afetados por esses acontecimentos. Esses intervalos ficam a cargo da memória coletiva, que corresponde muito mais à realidade vivida por uma determinada comunidade.

Assim percebemos que esta ideia não estava de facto em sintonia com o projeto que estávamos a desenvolver e pareceu-nos mais adequado prosseguir com as outras atividades, deixando este assunto para um futuro projeto que possa vir a ser feito, de forma a enquadrar-se melhor, não destoando do conceito do evento em causa.

5.8 - Esquema final

Nesta fase, já pudemos fazer um *update* em relação ao esquema que fizemos no início deste capítulo, utilizando os conceitos de David Cerezuela. Por outras palavras, antes de começarmos realmente o trabalho no terreno para começarmos a preparação do “Salamonde, Cruzando Memórias”, aquilo que tínhamos definido era:

- Conteúdo – O passado de Salamonde e a sua relação com a população atual;
- Atividade – Recolha porta-a-porta e exposição de fotografias antigas da aldeia e das pessoas; recolha e exposição de objetos antigos relacionados com os modos de vida antigos em Salamonde; filmagem e exibição de conversas informais com alguns dos membros mais antigos da comunidade Salamondense, partilhando histórias, experiências e tradições; um espetáculo musical com os diversos grupos de música que foram havendo em Salamonde, abrangendo o máximo de estilos e de faixas etárias possível; tarde de jogos tradicionais, com particular destaque para a nicha, mas com possibilidade de aprender e praticar outros jogos como o das pedrinhas ou dos cantinhos, a malha, a mosca, o pião ou tiro ao alvo com físgas;
- Objetivo – Trazer o passado para o presente, reforçar a memória coletiva da aldeia, envolver mais a população salamondense em eventos culturais, proporcionar momentos de recordação, aprendizagem e entretenimento e ao mesmo tempo fortalecer o elo que une as pessoas à sua terra, cultivando a sua identidade cultural;

- Estratégia – Organizar uma série de eventos e atividades que permitam, através de diversas formas e estimulando vários sentidos, recordar e\ou aprender aspetos da vida quotidiana salamondense de um passado mais ou menos recente.

6 - Preparação do evento

Chegamos agora à fase onde iremos descrever, da forma mais simples possível mas tentando sempre não esquecer aspetos importantes, o processo que nos levou desde o final da idealização e planificação do projeto, até ao dia 12 de agosto, véspera primeiro dia do evento.

Sendo que este projeto foi desenvolvido por uma equipa de pessoas não-profissionais na área de planeamento ou execução de projetos culturais, usámos, como um guia para nos orientar em algumas dúvidas que fossemos tendo e como ajuda para melhor delinear algumas estratégias, o livro “Diseño e evaluación de proyectos culturales”, de David Roselló Cerezuela. Óbvio que não nos guiamos cegamente por ele pois, apesar de Cerezuela já ter desenvolvido e orientado muitos projetos culturais e conhecer muito melhor que nós os processos e metodologias a ter em conta, nós temos um maior conhecimento do nosso público-alvo e dos meios que tínhamos ou poderíamos ter à nossa disposição para a melhor versão possível do “Salamonde, Cruzando Memórias”. Ainda assim, esta obra foi-nos de extrema importância na hora da organização do projeto, ajudou-nos a planear melhor a forma de fazer aquilo que queríamos e a reduzir ao máximo os imprevistos que, como não poderia deixar de ser, nos foram aparecendo ao longo do percurso.

Ni podemos tener todos los parámetros absolutamente controlados ni es perfectamente previsible todo lo que puede suceder con nuestra intervención. El proyecto es una garantía de reducir la incertidumbre y el riesgo pero no los elimina por completo. (Cerezuela, 2011, p. 24)

Tentaremos que este capítulo reflita da maneira mais fiável o nosso trabalho e a ordem cronológica dos processos envolvidos no projeto. No entanto, como o iremos dividir em subcapítulos referentes aos trabalhos que fomos fazendo, a ordem cronológica será necessariamente imperfeita, pois há trabalhos e processos que se prolongam mais no tempo e\ou que são simultâneos, por exemplo. Iremos, no entanto, ter isso em atenção e procurar introduzir marcadores temporais que ajudem ao leitor a situar-se temporalmente nas várias fases do projeto. Usando as palavras de Cerezuela (2011):

Sabemos que el orden de filmación de las diferentes escenas de una película no es forzosamente el mismo en que se visualizan. De la misma manera, aunque el orden de

lectura de los capítulos de un proyecto sea uno, éste no se corresponde al orden exacto en que fueran redactados. (p. 26)

Neste caso vamos ainda mais longe, a ordem da leitura pode também não corresponder à ordem dos acontecimentos em si.

Em termos cronológicos este capítulo desenrola-se ao longo de cerca de 7/8 meses, tendo os primeiros preparativos começado em janeiro. Iremos começar obviamente pelo primeiro trabalho, por aquele que prontamente verificamos que iria ser o mais demorado e que iria requerer maior insistência e estratégia por nossa parte.

6.1 - Recolha de fotografias

Visto que aquilo que pretendemos desde o início com a exposição fotográfica foi sermos o mais abrangentes possível, retratando o máximo de famílias ao nosso alcance, tornou-se evidente que tal apenas seria possível com uma recolha porta a porta por toda a aldeia. Não poderíamos contar que, com apenas uma boa divulgação, as pessoas percebessem o conceito daquilo que estávamos a planear fazer e nos viessem entregar as suas fotografias, emprestando-nos as que mais sentido faziam para o nosso projeto.

Assim, o primeiro passo foi a elaboração de uma carta, onde explicámos que queríamos fazer uma exposição de fotografias antigas de Salamonde e dos salamondenses, e que para tal contávamos com a sua colaboração. Pedimos que fossem procurando as fotografias que pudessem ter guardadas em gavetas, álbuns, arrecadações, ou nas tradicionais caixas de sapatos. Fizemos questão de deixar muito claro que as fotografias que nos fossem disponibilizadas seriam digitalizadas e devolvidas aos seus proprietários com a maior brevidade possível, uma vez que, tendo um grande valor sentimental, era extremamente importante que as pessoas estivessem à vontade para no-las emprestar sem terem o receio de que algo lhes pudesse acontecer, estragando ou perdendo-se. Na carta estava também a referência aos objetos antigos, apesar de a sua recolha ter sido feita numa fase muito posterior, para que as pessoas se pudessem ir lembrando e identificando algum objeto que gostassem de ver exibido. Esta carta, identificada com o G.D.C.R.S como seu remetente e assinada pelo presidente do Grupo, foi entregue nas 202 casas registadas em Salamonde (usamos como base um documento fornecido pela junta de freguesia),

inclusivamente nas que são muito raramente habitadas, pertencentes a emigrantes ou a salamondenses não-residentes.

Simultaneamente à carta, decidimos fazer um cartaz para divulgar a recolha e colocámos várias cópias nos locais de maior visibilidade da aldeia, a saber: os quatro cafés existentes, o expositor à entrada da aldeia, onde normalmente as entidades autorizadas da freguesia ou do município colocam os anúncios que possam interessar aos habitantes, e o expositor situado em frente à igreja. Neste cartaz tivemos bastantes mais cuidados com o visual do que propriamente com o conteúdo escrito, uma vez que a informação já estava toda transmitida quer pelo boca a boca quer pela carta, e, acima de tudo sendo um cartaz que anunciava uma recolha fotográfica, a questão visual era essencial para cativar as pessoas.

When focusing on visual communication, it is important to note that we are living in a very graphic world. Visual images are so pervasive that we may not be consciously aware of how often we encounter them. Increasingly, public relations professionals are realizing the impact visual items may have. (Kendall, 1996, p. 302)

Optámos então, como podemos verificar, por um *design retro*, com um fundo com aspeto antigo, cores desgastadas, um *lettering* que transmitisse uma ideia de antiguidade. Colocámos também algumas fotografias que já tínhamos na altura, fornecidas por membros da equipa, que no momento achamos representativas daquilo que pretendíamos, montadas em molduras com aspeto antigo também. Além dos sítios referidos, este cartaz foi também publicado na página de *Facebook* do Grupo Desportivo, tendo sido consequentemente partilhada em grupos e páginas referentes a Salamonde e aos seus habitantes.

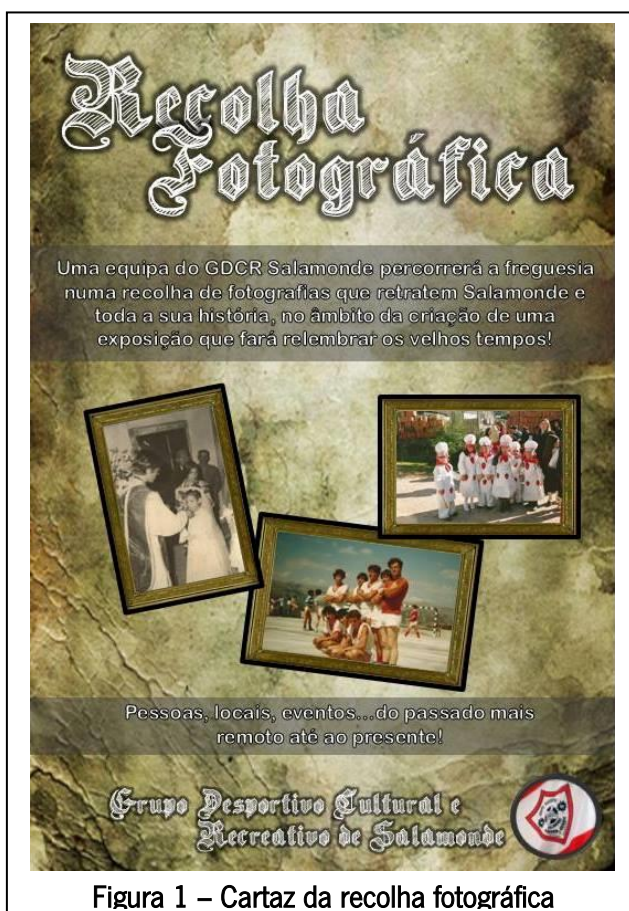


Figura 1 – Cartaz da recolha fotográfica

Nesta fase pedimos também ao Padre Martinho, pároco da aldeia, que, na missa, divulgasse a nossa recolha, explicando um pouco da ideia da nossa exposição e incentivando os presentes a fazer parte da iniciativa, procurando e seleccionando as suas fotos. De referir que em Salamonde é habitual, quando se quer divulgar alguma atividade ou algo semelhante, pedir ao Padre para, na missa, espalhar a palavra.

Umas semanas mais tarde, já depois de iniciado o longo processo de recolha, divulgámos ainda um vídeo, que estará presente em anexo, também de divulgação da recolha de fotografias. Vídeo este que, na nossa opinião, pecou apenas pela sua pouca divulgação e consequente curto alcance, uma vez que o resultado final ficou bastante do nosso agrado. Isto porque, sendo precisamente um vídeo, a sua divulgação foi limitada à internet, neste caso ao *Facebook*, pelas mesmas páginas e nos mesmos grupos que o cartaz, o que limitou largamente o seu alcance, uma vez que os salamondenses ativos nessa rede social não nos parece que sejam em número suficiente para o impacto que o vídeo poderia ter, ao invés do cartaz, que foi visto pela grande maioria da população. O Vídeo consistia numa espécie de teste de memória onde, no início, eram exibidas curtas (menos de 15 seg.) filmagens de alguns acontecimentos recentes em Salamonde, casos de um banho público (*Ice Bucket Challenge*, um desafio que virou “moda” em 2015 e que promovia a consciencialização sobre a doença ALS) feito pelos presidentes de várias associações da freguesia, o concerto de *Capela Mortuária* na festa de agosto, corrida de carrinhos de rolamentos, participação dos *Rufeiros de Pena Má* no “Aqui Portugal”, *Rally Torrié*, que passou em Salamonde, etc... tudo eventos entre 2008 e 2015. De seguida aumentava a dificuldade do “teste” com algumas fotografias de há cerca de 35 anos para cá e, finalmente, a parte mais difícil, onde surgiam algumas das fotografias mais antigas que tínhamos em nossa posse, em que apareciam membros já antigos da comunidade na sua juventude, tornando-se mais difícil para o espetador reconhecê-los. No final do vídeo, em breves palavras, era feito o apelo às pessoas para que procurassem as suas fotografias e participassem neste projeto. Tudo isto ao som de The Beatles: *Obladi Oblada*.

Falemos então do processo da recolha propriamente dito. Como já referimos, foi o procedimento que mais tempo demorou, tendo-o iniciado a meados de fevereiro e terminado já nos primeiros dias de agosto. Para ser mais preciso, a nossa recolha porta a porta terminou a finais de julho, para nos centrarmos mais noutros aspetos e podermos ter tempo de fazer a seleção das fotografias que queríamos que fizessem parte da exposição, mas houve gente a entregar-nos fotografias até depois do prazo que tínhamos inicialmente pensado, e, como ainda não tínhamos

enviado para impressão as fotos selecionadas para a exposição, obviamente não as recusamos e ainda aproveitamos algumas. A nossa estratégia consistiu em, depois da primeira divulgação através das cartas, dos cartazes e da divulgação na missa, começar a dar voltas pela aldeia, percorrendo os seus vários lugares e, a cada casa que passávamos, tentar falar com alguém, explicando-lhe(s) o que estávamos a fazer e tentar obter as fotografias. Nos primeiros tempos, isto é, nas primeiras voltas que demos, os resultados não foram tão positivos como pensámos numa primeira instância. Nas casas que conseguíamos falar com alguém (a maior parte das voltas foram feitas ao fim-de-semana, que é quando está mais gente em Salamonde, mas também quando muita gente vai trabalhar para o campo), tínhamos vários tipos de receção. Desde os que diziam que sim, tinham recebido a carta, mas nunca mais se tinham lembrado disso, aos que imediatamente diziam que não tinham fotografias nenhuma, aos que diziam que iam procurar e nos pediam para passar lá outro dia, aos (poucos) que já tinham algumas fotografias de lado e no-las entregavam prontamente, até



Figura 2 – Recolha de fotografias D. Isaura

aos (nossos favoritos) que nos convidavam a entrar em suas casas, nos mostravam as suas fotografias e, em conjunto, escolhíamos as que achávamos que se enquadravam melhor no nosso conceito.

Numa primeira fase, as respostas mais comuns foram as três primeiras mencionadas. Assim, nas primeiras voltas que demos, apesar de até termos recebido bastantes fotografias, em termos de representatividade das casas e das famílias da aldeia o que tínhamos era muito pouco. Mas as nossas voltas também serviram muito como modo de divulgação e de persuasão, no sentido em que, mesmo quem não estava bem a par da ideia, ou quem se mostrava mais cético a emprestar as fotografias, ao ver a seriedade do nosso trabalho e quem estava a por detrás dele, ao longo do tempo foi acabando por “ceder” e participar no projeto. Tivemos também a ideia de fazer uma espécie de portfólio onde, para além do cartaz da recolha, estavam alguns exemplos de fotografias que já tínhamos e que representavam aquilo que pretendíamos. Desta forma, tornava-

se mais fácil às pessoas perceberem aquilo que estávamos à procura, tendo algumas que inicialmente respondiam com “não tenho fotografias desse tipo”, ao verem os exemplos acabavam por responder coisas como “eu afinal disto tenho guardado”, acabando por procurá-las ou convidar-nos a entrar e fazermos isso em conjunto.

Assim, ao longo do tempo, conforme íamos continuando as nossas voltas que tanto serviam para recolha como para devolução das fotografias que já tinham sido digitalizadas, a adesão foi aumentando. Nos locais onde passávamos e não havia fotos foram começando a aparecer algumas, quem ainda não tinha não tinha procurado foi procurando e emprestando-nos, e, para nosso deleite, mais portas se foram abrindo e mais famílias nos foram convidando a entrar, proporcionando-nos momentos que serão certamente dos mais inesquecíveis e enriquecedores de todo este projeto. Se à partida o interesse em sermos convidados a entrar nas casas assentava no facto de podermos, em conjunto, ver os álbuns de fotografias na sua íntegra e assim escolher, com autorização dos proprietários, as que mais nos agradavam, no final de contas a recolha das fotografias acabava por se tornar num pretexto para um momento de convívio, de partilha, de amizade, onde se trocaram muitas histórias, muitas experiências e inclusivamente muitas ideias e conselhos para aquilo que foi o “Salamonde, Cruzando Memórias”. Tudo isto, pois claro, à volta de uma mesa bem recheada de comida e bebida, exemplo perfeito da hospitalidade, boa vontade e boa disposição características da população salamondense.



Figura 3 – Recolha fotográfica casas Fufo e Miranda

Durante este tempo entramos também em contacto com a EDP, na tentativa de obter fotografias da altura da construção da barragem de Salamonde, inaugurada em 1953, um marco de grande importância para a freguesia. Felizmente fomos bem-sucedidos, tendo-nos sido enviadas 105 fotografias de elevadíssima qualidade quer a nível de resolução, quer a nível estético. Nestas fotografias, onde se incluíam também algumas fotos do bairro simultaneamente construído (com escola, capela, etc.) e da inauguração da barragem pelo então Presidente da República

Craveiro Lopes, representavam de forma sublime a forma como foi construída a barragem, a diferença dos recursos técnicos de há mais de 50 anos, a diferença dos modos de estar, de vestir e de trabalhar.

Chegámos então a finais de junho com já mais de 1000 fotografias recolhidas de quase 40 casas\familias diferentes, mas sentíamos que ainda nos faltavam casas importantes, que era possível atingir uma maior representatividade do a que tínhamos então e que o projeto no qual estávamos tanto a investir merecia um esforço final na recolha fotográfica. Decidimos então tentar uma última campanha publicitária a fim de cativar aqueles que se pudessem ainda mostrar reticentes em relação à ideia. Escolhemos quatro das fotografias que mais gostávamos, o mais diferentes entre elas possível. Uma de uma turma de quando havia escola em Salamonde, uma de uma equipa de futebol, uma de um grupo de amigos num casamento, e uma de uma casa de Salamonde que já não existe, sendo esta última foto das mais antigas que recebemos. Imprimimos uma cópia de cada uma dessas fotografias e colocámos cada uma delas num dos cafés, juntamente com uma folha onde, com linhas para nela se poder escrever, se desafiavam os salamondenses a identificar as pessoas presentes nas fotografias e, no caso da fotografia da casa, o local onde esta se situava. Isto serviu também como teste de uma ideia surgida entretanto que consistia em, permitindo ao público identificar os intervenientes das fotografias, tornar a exposição fotográfica mais interativa. Este teste permitiu-nos verificar que a possibilidade da identificação era

de certa forma redundante, uma vez que observámos que em todas elas os frequentadores do respetivo café tiveram curiosidade em identificar as pessoas\local, discutindo entre eles os mais difíceis de identificar, porém apenas em duas das fotos foram de facto escritos os nomes\local identificados, como era pedido no desafio.



Figura 4 – Última campanha recolha fotográfica

Com este último forcing de publicidade e últimas voltas pela aldeia no mês de julho, chegámos ao final da recolha com mais de 1600 fotografias, facultadas por quase 60 familias\casas diferentes. Um número com o qual ficámos extremamente satisfeitos pois, ainda

que dessas fotografias pouco mais de um quarto viriam a ser expostas, a sua totalidade representa, na nossa opinião, um espólio de grande valor para a história da freguesia, que poderá ser usado no futuro para inúmeros fins, quer pelo G.D.C.R. quer por qualquer associação ou pessoa que lhe queira dar um uso interessante.

6.2 - Procura de apoios\patrocínios

Planeando a logística do “Salamonde, Cruzando Memórias”, apercebemo-nos que iríamos necessitar de recursos que não tínhamos em nossa posse e que, para fazermos o evento da melhor forma, como tínhamos e estávamos a planear, seriam necessários apoios externos ao Grupo Desportivo.

Decidimos então, a meados de junho, dirigir-nos à Câmara Municipal de Vieira do Minho e falar com o presidente, uma vez que, além de já ter ajudado o Grupo Desportivo em outras ocasiões, pareceu-nos que a C.M teria todas as condições e recursos ideais para nos prestar auxílio, bem como o interesse em participar num evento de índole cultural a decorrer numa das freguesias do concelho.

Assim sendo, marcámos reunião com o seu presidente António Cardoso, na tentativa de preencher as seguintes lacunas:

- Em primeiro lugar pedimos que nos emprestassem uns expositores que sabíamos que estavam em posse da Câmara, uma vez que já nos tinham sido emprestados para a exposição “Seja bem-vindo, faça o favor de entrar” em 2013. Este fator seria de extrema importância uma vez que, caso não conseguíssemos por esta via, seria bastante difícil conseguir por outra.
- Talvez de maior importância ainda mas com a salvaguarda de, caso o pedido não fosse acedido, podermos procurar outras vias, havia a questão da impressão das fotografias. Ainda não abordámos esse aspeto nesta reflexão, mas é evidente que, se as fotografias que recolhemos foram digitalizadas e devolvidas aos seus donos para serem expostas em formato físico, estas teriam que ser impressas. Ora, como podemos deduzir, isso requeria ainda alguns custos.
- Desde cedo tínhamos a ideia de fazer algum tipo de recordação, em papel, para entregar a quem visitasse a exposição ou participasse no evento, mas ainda não tínhamos claro em que formato o queríamos, se em tríptico, se numa espécie de

folheto, ou em outra configuração. Porém, ao pedirmos o patrocínio, esse formato já deveria estar definido. Optamos então por um tríptico, ou desdobrável, se preferirmos. Desta forma, caso a C.M se disponibilizasse a tratar das impressões, o formato seria mais acessível, uma vez que consistiria basicamente numa folha A4 impressa em frente e verso.

- A ideia dos jogos tradicionais era fazê-los no campo de futebol de Salamonde, no *Campo da Paixão*, no entanto, para tal ser possível, o campo iria necessitar de alguma limpeza, uma vez que, não sendo usado já há algum tempo, algumas mimosas já iam começando a crescer no terreno. Perguntámos ao presidente se poderia enviar alguém com uma máquina para as remover, como já foi feito em anos transatos.
- Por último, para gravar as “Conversas de outros tempos” iriam fazer falta recursos técnicos, tanto de imagem como de som. Visto apenas termos em nossa posse máquinas fotográficas de qualidade ordinária que também poderiam filmar, e não estávamos muito confiantes na qualidade que com elas poderíamos obter, perguntámos também em que medida é que a C.M nos poderia ajudar nesse sentido.

A resposta do presidente dificilmente poderia ter sido mais positiva. Prontamente acedeu a tratar das impressões quer das fotografias quer dos trípticos, contando que não ultrapassassem um determinado valor, valor esse que, segundo as nossas estimativas, ficaria muito longe de ser alcançado com os 200 trípticos que pedimos e as cerca de 500 fotografias que já então era o número para o qual apontávamos em termos de fotos a serem selecionadas para a exposição.

Em relação aos expositores, que então estavam a ser usados numa outra exposição e em outras atividades, o presidente comprometeu-se a, mal fossem libertados, não só emprestar-nos como a encarregar-se do seu transporte para Salamonde. Sendo que a Câmara possui vários *sets* de expositores, garantiu-nos que ia juntar o máximo que conseguisse, de modo a serem suficientes para as nossas fotografias.

Sobre o material para gravação das nossas conversas, indicou-nos para a *Vieira do Minho TV*, com a qual a C.M tem protocolo, pondo-nos à vontade para falar com o seu responsável, acordar as condições mais vantajosas para ambas as partes, comprometendo-se a tratar com a *Vieira do Minho TV* as contrapartidas.

No tocante à limpeza do Campo da Paixão, foi-nos dito que, por ser no verão e ser uma época alta em termos de utilização de máquinas para desimpedir caminhos devido a incêndios, muito dificilmente poderiam mandar-nos alguém para fazer esse trabalho. Acabou por ser pelo melhor, uma vez que acabámos por fazer os jogos tradicionais noutra local.

Ficámos então extremamente satisfeitos com as respostas obtidas, tendo assim ficado com todas as condições para levar o projeto avante, sem necessidade de quaisquer outros patrocínios.

6.3 - Almas Music Fest; Elaboração de convites, cartaz do evento e tríptico

Também a meados de junho foram enviados os convites para as bandas\conjuntos que queríamos no “Almas Music Fest”, de forma a formalizar o convite que seria também feito num âmbito mais familiar, mas que só por si não seria suficiente. Escrevemos então uma carta explicando a nossa ideia e reforçando a importância que a música e os seus agentes têm na cultura e na identidade da aldeia, convidando-os a fazer parte deste evento. As cartas foram entregues em mão, dirigidas a: *Rufeiros de Pena Má*, grupo de concertinas e grupo de cavaquinhos (entregue aos respetivos professores), *Capela Mortuária*, *Valentyn* e *Passados da Carola*. Além disso, esperávamos também contar com alguns representantes dos “cantares antigos”, grupos de amigos que se juntavam para cantar pelas ruas e pelos cafés mas, não havendo um grupo propriamente dito, fomos convidando verbalmente os elementos que sabíamos que em tempos tinham participado nos cantares.

Chegados então à última quinzena de julho, estava na hora de fazermos os trípticos e os cartazes. Para os trípticos escrevemos primeiro o texto, onde falámos da origem do projeto, dos nossos objetivos, das fases que passámos até chegar ao evento, realçando a importância da memória, de recordar o passado, e agradecendo a todos os salamondeses por participarem e colaborarem no “Salamonde, Cruzando Memórias”. Referimos também que muitas das fotos que nos foram disponibilizadas não entrariam na exposição, explicando os critérios usados, para não ferir suscetibilidades com a ausência de várias fotos que certamente quem no-las deu gostaria de as ver expostas. Depois do texto tratámos da parte visual, tendo mantido cores suaves, cinzento neste caso, com a parte frontal a ter o título e informações relevantes em tons de vermelho, cores do G.D.C.R. Escolhemos também algumas fotografias que pudessem retratar as várias fases do projeto, enquadrando-se na dinâmica do texto. O resultado final poderá ser visto nos anexos.

Para fazer o cartaz usamos um fundo também com ar antigo, juntamos-lhe um pouco de cor para ficar mais chamativo e fotografias que representassem as atividades do evento. Usámos o mesmo tipo de *lettering*, mantendo o visual, introduzimos os logotipos das entidades fundamentais para o projeto e, como não podia deixar de ser, a calendarização e os horários de todas as atividades, tentando ser o mais claros e explícitos quanto possível. O cartaz foi impresso em A3 e colocado, nos últimos dias de julho, nos locais habituais, isto é, nos mesmos em que tinha sido colocado o cartaz da recolha fotográfica.



Figura 5 – Cartaz do evento

Fizemos também um cartaz para o “Almas Music Fest”, porém acabámos por não o utilizar, uma vez que, a poucos dias do evento, o grupo de cavaquinhos não tinha disponibilidade para vir, o *Valentyn* também não, o grupo de concertinas e os *Passados da Carola* ainda não tinham confirmado, sendo que os únicos grupos que garantidamente tínhamos presentes seriam os *Rufeiros de Pena Má* e os *Capela Mortuária*, sabendo que a questão dos cantares antigos só iria ser confirmada na hora, dependendo de quem, na altura, estivesse com disposição para cantar. Assim, optámos por não arriscar a divulgar falsas informações e a deixar que o “Almas Music Fest” fosse uma surpresa, o que, em retrospectiva, foi a melhor opção.

Optámos também por fazer convites para os órgãos oficiais que pudessem estar presentes no evento e, se possível, dizerem umas palavras. Esses convites foram enviados ao presidente da Junta de Freguesia de Salamonde, ao Presidente da Câmara Municipal de Vieira do Minho, e ao presidente do Clube de Amigos de Vieira (CAVA).

Ainda não explicámos nesta reflexão o envolvimento do CAVA no nosso projeto, iremos, portanto, fazê-lo agora. O CAVA, ou Clube Amigos de Vieira é, utilizando a auto-descrição presente no seu *site* oficial, “uma associação juvenil de Vieira do Minho idealizada no dia 4 de Dezembro de 2005, tendo como objetivo desenvolver a cooperação e solidariedade entre os seus associados, na base da realização de iniciativas relativas às vertentes cultural, social e desportiva”⁴. Esta associação esteve durante este ano a expor o seu projeto fotográfico “ Uma Viagem por Vieira do Minho”. Este projeto materializa-se num expositor que, com fotografias (de Tommaso Rada) e descrições (por representantes da respetiva aldeia) das atividades tradicionais pelas quais cada freguesia vieirense é mais conhecida, vai percorrendo as várias freguesias do concelho. Sabendo disto, contactámos o presidente do CAVA, perguntando se a altura da sua exposição em Salamonde poderia coincidir com o nosso projeto, unindo assim os dois, tornando-o mais completo. Para melhor clarificar o conceito desta exposição, iremos usar as palavras do CAVA:



Figura 6 – Expositor CAVA

(...) o projecto fotográfico percorreu o concelho de Vieira do Minho, tradicionalmente rural, e possibilitará uma viagem física e afectiva, através de registos fotográficos, de actividades presentes nas vinte e uma comunidades. É uma viagem por amor a Vieira do Minho, passando pelo artesanato, agricultura, pecuária e gastronomia, que vai promover a identidade do nosso povo, e irá recuperar memórias da nossa terra. Tommaso Rada é o fotógrafo envolvido neste projecto. De origem italiana, este fotógrafo profissional colabora com a Agência de Fotojornalismo de Lisboa, 4SeePhoto, tendo participado em inúmeras publicações nacionais e internacionais, de que são exemplo, Financial Times, Der Spiegel, Expresso, Courrier International e Washington Post.⁵

⁴ Consultado em Novembro 10, 2016, em <http://www.cava.pt/>

⁵ Correio do Minho, 30/07/2016

6.4 - Conversas de Outros Tempos

Já tendo à data combinado com a *Vieira do Minho TV* que nos emprestariam uma máquina de filmar, faltava apenas a confirmação de um dia para filmarmos as conversas. Decidimos então que seria a 25 de julho e teríamos duas conversas diferentes. A primeira seria com a Tia Irene da Barca, em sua casa, e a segunda com o Tio Zé do Covelo, homem mais velho de Salamonde, e o Tio Guilherme do Vermelho, seu grande amigo de longa data. Pensámos também em juntar as duas conversas numa só mas, tendo já conversado várias vezes com o Tio Zé, com o Tio Guilherme e com a Tia Irene, concluímos que a fórmula ideal seria juntá-los apenas aos dois, visto que a química entre eles era notória e Tia Irene tinha estórias para ter a sua própria conversa.

Assim, nos dias anteriores às conversas, testámos a imagem e o áudio quer da câmara emprestada quer das mais duas máquinas fotográficas que seriam usadas também para o efeito, abrindo assim um maior leque de possibilidades, podendo trabalhar com diferentes ângulos e áudios e combiná-los no resultado final. Optámos por não elaborar nenhum guião, tentando ao máximo deixar a conversa seguir o seu rumo natural, tendo só atenção a direcionar a conversa para os hábitos mais antigos, da juventude dos intervenientes.

Fomos então, no dia 25 de julho logo após o almoço, ao lugar da Barca conversar com a Tia Irene. Fazendo ela parte da última geração de barqueiros em Salamonde, grande parte da



Figura 7 – Conversa com Tia Irene da Barca

conversa girou à volta dessa já extinta atividade, tendo-se também falado bastante da época da reflorestação da serra da cabreira, da qual também tomou parte. Não nos alongaremos muito sobre as conversas, uma vez que elas estarão disponíveis em anexo, mas de referir que aquilo que a Tia Irene nos contou foi extremamente interessante e totalmente de acordo com aquilo que procurávamos.

Logo de seguida fomos buscar os dois homens a suas casas, onde se encontravam à nossa espera, com as suas melhores mudas de roupa, sem esquecer as tradicionais boinas à cabeça, sinais do seu interesse e vontade de participar no projeto. Fomos então para minha casa, onde tínhamos já preparado uma mesa para maior conforto e



Figura 8 – Conversa com Tio Zé do Covelo e Guilherme do Vermelho

uma melhor paisagem para as filmagens. Foram partilhadas bastantes histórias, falou-se desde trabalho, a relações, à festa de Salamonde, sem esquecer as brincadeiras, não podendo faltar a recordação da tão falada nicha. Uma conversa que durou cerca de hora e meia mas que por nossa vontade se prolongaria por muitas mais.

Faltava “apenas” a elaboração do resultado final, isto é, dos vídeos que seriam exibidos durante a exposição e que seriam de facto aquilo a que o público teria acesso das nossas conversas. As aspas têm toda a razão de ser, uma vez que esta parte foi a mais trabalhosa dentro do processo de realização das “Conversas de outros tempos”, uma vez que, tendo duas ou três câmaras em cada uma das conversas, tivemos não só que selecionar os excertos mais representativos, como também escolher qual a melhor câmara para o efeito, tendo em conta quer o ângulo da imagem quer a qualidade do som captado. Ainda assim, este trabalho, que se prolongou até dois ou três dias antes do evento, foi extremamente gratificante, tendo o resultado final ficado, na nossa opinião, de bastante qualidade, tanto do ponto de vista de interesse sociocultural como de facto bastante divertido de se ver, tendo ficado completamente do nosso

agrado e, por aquilo que pudemos verificar durante a sua reprodução no evento, de agrado dos salamondenses em geral.

6.5 - Seleção\categorização\divisão das fotografias para a exposição

Tendo chegado ao final da recolha fotográfica com mais de 1600 fotografias recolhidas e digitalizadas, estava então na altura de selecionar as que queríamos na exposição, tendo também que decidir qual seria a categorização que iríamos usar, dividir as fotografias consoante essa mesma categorização, e ainda decidir o tamanho em que cada uma das fotografias deveria ser impressa. Optámos então pela seguinte metodologia: em primeiro lugar iríamos apontar as categorizações que já tínhamos em mente, uma vez que já conhecíamos as fotografias, já tínhamos pensado no assunto e já tínhamos algumas ideias formadas; de seguida, analisando casa a casa as fotos recolhidas, com o cuidado que de cada casa\família que tivesse participado fosse exposta pelo menos uma fotografia, iríamos simultaneamente selecionar as fotografias e agrupá-las na sua categoria; finalizado este processo, tendo em conta o tamanho da fotografia original, a representatividade que cada fotografia teria dentro da sua categoria, e as limitações de espaço que poderíamos ter no tocante aos expositores, escolheríamos os tamanhos em que cada fotografia seria impressa, A4, A5 ou A6.

Neste processo, que decorreu ao longo de cerca de uma semana, entre o final de julho e início de agosto, achámos por bem a participação de apenas dois elementos, uma vez que, participando toda a equipa, as opiniões tenderiam a ser mais divergentes, sendo mais difícil atingir um consenso e prolongando o processo em demasia. Assim participamos apenas eu e mais um membro, o núcleo duro do projeto, sendo desta forma muito mais simples de avaliar a relevância de cada fotografia, o contexto em que se insere e a sua qualidade do ponto de vista estético e histórico. Tudo isto de uma forma rápida, prática, em sem grandes divergências de opiniões.

Chegámos ao final com a seguinte divisão e categorização das fotografias para exposição (por ordem alfabética):

- Atividades e Eventos Importantes – Acontecimentos relevantes para a aldeia (ex: batismo das ambulâncias da cruz vermelha, primeira feirinha da aldeia, volta a Portugal que passou em Salamonde, etc.) – 26 fotografias;
- Barragem – Fotos da construção e inauguração da barragem, central e bairro. – 22 fotografias;

- Carros – Fotografias em que aparecessem automóveis dos salamondenses. Verificamos que as recordações dos seus carros eram guardadas com muito carinho, com muitas histórias para contar, e o conjunto de fotos mostra a evolução do ramo automóvel ao longo do tempo. – 19 fotografias;
- Cartões – Cartões de identificação antigos (ex: futebol federado, cruz vermelha, sindicato de trabalhadores.) – 13 fotografias;
- Casamentos – Fotografias de grupo em casamentos de salamondenses (não usámos fotografias do casal com apenas alguns amigos ou familiares, usamos apenas as fotos com todos os convidados) – 42 fotografias;
- Convívios e Amizades – Fotos de grupos de amigos, em festas, jantares, ou quaisquer outras ocasiões para se juntarem e divertirem. – 71 fotografias;
- Escola – Maioritariamente fotos de turmas da antiga primária de Salamonde, mas incluímos também algumas fotos de visitas de estudo e outras atividades escolares. – 55 fotografias ;
- Família – Retratos de família, fotos tiradas em contexto familiar. Sendo que houve dúvidas em algumas fotos se se enquadrariam melhor aqui ou nos “Convívios e Amizades”, demos mais importância ao contexto da fotografia do que propriamente ao possível parentesco. – 65 fotografias;
- Festas – Fotos dos cortejos, das procissões e dos andores quer da Festa em honra a N^a Sra de Fátima e Sagrado Coração de Maria (as grandiosas festas de Salamonde) e da Festa de S. Gens (também conhecida como festa das mulheres). – 65 fotografias;
- Futebol e Desporto – Fotografias de várias das numerosas equipas de futebol e futsal que se formaram em Salamonde. Desde as equipas oficiais do G.D.C.R. Salamonde, a torneios internos, torneios, inter-freguesias e jogos amigáveis. – 66 fotografias;
- Lavoura – Fotos relacionadas com o trabalho no campo (agricultura, pecuária, colheitas, etc...) – 26 fotografias;
- Locais – Fotografias da aldeia na maior parte das quais se pode muito claramente ver o passar dos tempos, a mudança nas casas, nos chãos, nas ruas. Na maioria foi fácil para os salamondenses reconhecerem o local, mas houve algumas que ao longo da exposição se foram tornando desafios interessantes. – 49 fotografias;

- Outras Cerimónias religiosas – Fotos de batizados e dos vários tipos de comunhões celebrados em Salamonde. – 22 fotografias;
- Salamondenses pelo Mundo – mais específico que o nome é difícil. Fotografias de salamondenses em viagens ou passeios fora da aldeia, desde o Bom Jesus até Moçambique. – 12 fotografias.

Ficámos então com 553 fotografias para a exposição, agrupadas em 14 categorias diferentes. De seguida seleccionámos, de cada categoria, as fotografias que achámos que tirariam maior partido do tamanho A4, tendo seleccionado para o efeito, em cada categoria, cerca de 5 a 10 fotografias. Exceção das dos casamentos que, por serem fotografias com muita gente envolvida e valer a pena tentar reconhecer cada uma das pessoas, acabamos por escolher 31 das 42 fotos para serem impressas em A4; da secção dos carros que, precisamente pelo motivo inverso, foi impressa toda em A5; e dos cartões, cuja secção foi toda impressa em A6, poupando espaço nos expositores e aproximando-se mais do tamanho original.

Estava assim preparado o material para a exposição fotográfica, tendo sido entregues as fotografias e informações de impressão a um membro da C.M de Vieira do Minho que iria tratar desse processo, restando-nos então aguardar pelo resultado final da impressão.

6.6 - Preparação dos jogos tradicionais

A preparação dos jogos tradicionais foi relativamente simples. Em primeiro lugar abordámos um conterrâneo nosso amigo, que segundo as conversas que fomos tendo com os antigos jogadores da nicha era o “craque” do seu tempo, no sentido de nos orientar na questão do material necessário para esse jogo. A resposta, mais uma vez, foi melhor inclusive do que estávamos à espera, tendo-se prontamente disponibilizado para ficar encarregado da obtenção e preparação desse material.

Sendo que a parte mais trabalhosa seria a limpeza do campo de futebol para os jogos, fomos novamente vítimas da boa vontade dos salamondenses uma vez que, dias depois de termos divulgado o cartaz do evento, onde se anunciavam os jogos tradicionais no Campo da Paixão, o mesmo indivíduo que se tinha disponibilizado para tratar do material para a nicha, conhecido em Salamonde como o Manel da Tia, propôs-nos a utilização de um dos seus terrenos para a realização dos jogos tradicionais. O terreno em questão situava-se num local muito mais central

da aldeia, o que facilitava o acesso para os jogos e, além disso, era um local muito mais próximo do centro da aldeia e visível dos cafés, o que poderia funcionar como mais um fator de divulgação, atraindo, por curiosidade, os mais distraídos. Por estes motivos, e porque também se ofereceu a tratar dos buracos no terreno necessários para jogar à nicha, decidimos aceitar e mudar o local dos jogos tradicionais, anunciando essa mudança na página do *Facebook* do G.D.C.R, transmitindo-o também pelo boca a boca e, já durante o evento, fazendo questão de, em ambos os dias, recordá-lo aos presentes, de forma a não haver enganos.

Faltava-nos portanto o material para se poder jogar à malha e ao pião, para além das físgas. Para a malha foi bastante fácil, bastou-nos pedir emprestado, uma vez que é material de uso regular na aldeia. Nos piões tivemos alguma sorte, uma vez que um dos nossos membros da equipa encontrou numa loja em Braga e aproveitou a ocasião. Em relação às físgas, visto que fazer manualmente físgas como as que se usavam antigamente requer ainda algum trabalho e, acima de tudo, conhecimento e técnicas que não possuíamos, deslocámo-nos a Vieira do Minho, vila mais próxima e, após alguma procura, lá conseguimos encontrar uma versão mais moderna numa loja de desporto.

Em relação à logística do espaço para os jogos, a única questão que nos preocupava era a do transporte da máquina de finos do pavilhão do Grupo Desportivo para o terreno dos jogos, bem como a ligação elétrica que teria que ser feita para o funcionamento da máquina. Para o transporte contávamos com o trator do membro que nos fez o transporte dos objetos, e para a ligação elétrica contactámos a Junta de Freguesia, que nos autorizou a usar a eletricidade de uma sua infraestrutura que se situava mesmo ao lado do terreno em questão.

Tínhamos, portanto, o evento dos jogos tradicionais sob controlo.

6.7 - Recolha e organização dos objetos

Tendo já, durante o longo processo da recolha fotográfica, identificado as principais casas de onde poderíamos receber objetos para a exposição, e tendo também já uma ideia de que tipo de objetos nos poderiam ser emprestados e que outros objetos seriam interessantes de expor, tivemos então que proceder à sua recolha.

Sendo que alguns dos objetos que já tínhamos previamente identificado eram de dimensões impeditivas para o seu transporte em carros, tivemos que dividir a recolha em duas fases, que no final, por diferentes motivos, se transformariam em três. De notar que aqui já

estamos no início de agosto, uma vez que deixamos esta parte do projeto para o fim de forma a não ficarmos com os objetos em nossa posse durante demasiado tempo, correndo riscos desnecessários.

Na primeira destas fases fomos às casas que já tínhamos identificado como principais fontes para nos emprestarem objetos, tendo também já uma ideia daquilo que pretendíamos uma vez que, durante a recolha e fotografias, já tínhamos feito uma espécie de visita guiada onde, além de vermos os objetos que essas famílias tinham guardados, foi-nos também explicada a sua utilidade e a sua proveniência, bem como outras informações bastante úteis para a nossa seleção. Assim, fomos às quatro casas de onde sabíamos que iríamos obter mais material, fizemos a seleção final daquilo que nos interessava para a exposição e, os artefactos passíveis de serem transportados na mala de um carro, foram de seguida levados para o pavilhão do G.D.C.R. Salamonde, enquanto os objetos de maiores dimensão teriam de ficar para outra altura, quando conseguíssemos dispor de trator e atrelado para os ir buscar. Ainda nesta primeira fase, além das quatro casas previamente referidas, dirigimo-nos também à residência paroquial da freguesia, tendo previamente falado com o Padre Martinho, onde pudemos também escolher uma variedade de artefactos de cariz religioso, havendo apenas um objeto que não cabia em nenhum dos carros, e que seria posteriormente levado de trator. E, finalmente, à Central Hidroelétrica de Vila Nova, que possui um núcleo museológico, de onde pudemos levar emprestadas algumas peças que, mesmo não sendo as peças usadas na central\barragem de Salamonde, são peças exatamente iguais, e que conseguem representar a mudança de paradigma em termos técnicos que se verificou nos últimos cinquenta anos, tendo desde capacetes antigos, a caixas de primeiros socorros, ou boias de salvamento.

Fomos então, numa fase posterior, buscar os objetos de maiores dimensões que não tínhamos conseguido transportar. Objetos como uma máquina de costura, um arado, ou o antigo harmónio da igreja. No entanto, foi durante este processo que surgiu a ideia, por parte do membro da equipa de maior idade, de procurar um par de objetos que ainda não tínhamos visto até à data mas que possuíam um grande valor histórico, tendo feito parte do dia-a-dia de Salamonde durante muitos anos, neste caso uma grade de madeira e um carro de bois, preferencialmente com rodas também de madeira.

É nesta procura que surge a já mencionada terceira fase da recolha de objetos. Resolvemos, durante uma tarde, repetir a volta à aldeia já tantas vezes dada nos meses anteriores, mas desta vez procurando quem tivesse ou soubesse onde encontrar os objetos mencionados.

Durante esta volta, para além de conseguirmos arranjar aquilo que procurávamos (uma grade em madeira, um carro de bois com rodas de ferro e, ainda, peça já mais rara do que pensávamos, a roda de madeira do carro de bois), foram-nos também emprestados alguns objetos mais pequenos e de uso mais caseiro pelas pessoas a quem perguntávamos pelos objetos supra mencionados. Obtivemos, assim, mais utensílios para a exposição do que aqueles que tínhamos previsto, o que só se pode considerar um sucesso, visto que tudo partiu da boa vontade da população salamondense e do gosto que tiveram em contribuir para mais este elemento do “Salamonde, Cruzando Memórias”.

Chegada à hora de os organizar, deparámo-nos com duas opções. Ou os organizávamos por tema, isto é, pelo tipo de função que desempenhavam, ou por família\casa que no-los tinham cedido. Sendo que ao organizá-los por tema\utilidade teríamos que catalogar a sua proveniência de modo a não haver enganos na hora da sua devolução e repensar toda a sua organização, e uma vez que, tirando algumas exceções, a organização por casas já refletia a utilidade dos objetos, optamos pela segunda opção. Decidimos identificar as famílias (mais a paróquia e a barragem) de proveniência dos principais objetos, tendo ficado uma secção mais pequena sem identificação, uma vez que ainda houve algumas pessoas que nos cederam um ou outro objeto mas pediram anonimato.

6.8 - Produtos para o bar

Como anunciado no cartaz, durante todo o evento iria haver bar aberto ao público, tal como bifanas durante o primeiro dia da exposição e, assim sendo, a maior parte dessas coisas teriam que ser compradas e\ou preparadas.

Em relação às bebidas, o que fizemos foi o seguinte:

- Cerveja: Usando o contacto que habitualmente fornece às comissões de festas os barris de finos, encomendámos três, tendo ficado combinada a possibilidade da aquisição de mais um. Para além disso, como forma de prevenção para o caso de termos problemas com o transporte e\ou utilização da máquina de finos no terreno onde decorreriam os jogos tradicionais, comprámos também, em supermercado, 60 minis que, em caso de não serem necessárias, ficariam em posse do G.D.C.R para poderem ser consumidas em eventos futuros.

- Refrigerantes: Foram compradas, também em supermercado, duas garrafas de 1,5 litros dos refrigerantes que nos pareceram ser mais populares, neste caso Coca-Cola, 7up, Ice Tea e Sumol.
- Vinho: Foi oferecido, por parte de um dos membros da nossa equipa, um garrafão de vinho branco.

Para as bifanas tivemos alguma sorte, uma vez que já tínhamos bifanas congeladas que tinham sobrado do anterior evento do Grupo Desportivo. Faltava apenas a sua confeção, que viria a ficar a cargo, na manhã do primeiro dia do evento, de um dos membros da direção, e encomendar o pão, para ser entregue também na mesma manhã.

6.9 - Preparação do pavilhão para o evento

Sendo que a maior parte das atividades do “Salamonde, Cruzando Memórias” iriam ter lugar no pavilhão do Grupo Desportivo (apenas os jogos tradicionais iriam decorrer num espaço diferente), teríamos que preparar o pavilhão para os diversos eventos, sendo que o principal seria obviamente a exposição quer das fotografias quer dos objetos.

Assim, era de vital importância uma boa organização do pavilhão em termos da disposição dos vários elementos da exposição e das outras atividades (Conversas de Outros Tempos e Almas Music Fest), de forma a garantir o melhor funcionamento e transição entre atividades possível.

O primeiro passo, após já termos recebido da Câmara Municipal quer as fotografias impressas quer os expositores seria, portanto, a organização da exposição fotográfica. Sendo que já tínhamos previamente feito a divisão das fotos por categorias, as primeiras questões com as quais nos deparamos foram a ordem pela qual as ditas categorias seriam dispostas e o tipo de percurso que seria idealmente feito pelo público para desfrutar da melhor forma a exposição. Para além disso, tivemos também que ser bastante cuidadosos com a disposição das fotografias, nas suas diversas categorias, pelos expositores.

Procurámos que as divisões das categorias fossem o mais claras possível, tentando que o início de cada categoria coincidissem com o início de um expositor. Tentámos também que, em cada expositor, as fotografias estivessem dispostas de uma forma ordeira, esteticamente agradável, mas também não demasiado formalizada, sem nos limitarmos à disposição geométrica. Igualmente importante, tivemos que garantir que os expositores eram suficientes para todas as fotografias (de notar que, além os expositores cedidos pela C.M, iríamos também usar três

superfícies de madeira que tínhamos no pavilhão como expositores, e poderíamos ainda usufruir de mais três expositores que a Junta de Freguesia de Salamonde se dispôs a nos emprestar).

No tocante ao tipo de percurso ideal, tivemos em conta as ideias de Cerezuela (2011), que, baseando-se num estudo de Veron e Levasseur, defende a existência de quatro tipos de visitantes de museus ou, aplicando-o ao nosso caso, de exposições. A saber:

- As “formiguinhas”: aqueles que seguem o percurso predefinido da exposição, de uma forma ordeira e a uma velocidade constante. Não deixam nada por ver na exposição;
- As “borboletas”: são o tipo de público que visita uma exposição sem se importar com a forma em que esta foi organizada. O tempo passado a observar cada parte da exposição é inconstante, tanto pode demorar muito tempo num elemento como depois pouca atenção prestar a outros, podendo inclusivamente passá-los à frente ou voltar atrás para apreciar peças que já viu.
- Os “gafanhotos”: público que normalmente passa pouco tempo numa exposição e apenas lhe interessa ver as peças ou elementos fundamentais. Por vezes ignora divisões inteiras para “saltar” para a parte que lhe interessa.
- Os “peixes”: engloba todos aqueles que, por diversas razões, se movem pela exposição com reticência e desconfiança.

Já sabíamos à partida que, na sua grande maioria, o público que iria estar presente na nossa exposição se iria enquadrar nos dois primeiros tipos e que, provavelmente, as mesmas pessoas iriam inclusivamente fazer parte destes dois tipos. Explicando por outras palavras, aquilo que esperávamos era que, sendo que o tipo de exposição que estávamos a preparar não era puramente de apreciação (estética ou histórica), havendo também uma forte componente de lazer, convívio e discussão, a maioria dos seus visitantes se comportassem como as “formiguinhas” numa primeira fase e, após ter visto calmamente a totalidade da exposição, voltassem atrás e, numa segunda apreciação, fossem “borboletas”, dedicassem mais tempo aos elementos que mais lhes despertaram interesse ou que queiram chamar à atenção de outras pessoas que estivessem a ver a exposição, promovendo, assim, a interação entre o público, o convívio e a discussão.

Decidimos então criar um percurso predefinido para a exposição onde, começando com as fotografias, ponto de maior interesse para os salamondenses, os “prendesse” logo à partida e encorajasse a seguir o nosso percurso e, chegando ao fim das fotografias, se deparassem

imediatamente com os primeiros objetos, levando-os então a seguir a ordem até ao final, onde se encontrava o expositor do CAVA.

Os únicos elementos da exposição que poderemos considerar que estavam algo desfasados desta ordenação seriam o carro de bois (em conjunto com os outros objetos da família que o cedeu e com a roda de madeira), que estava num local mais adequado às suas grandes dimensões e ao destaque que lhe quisemos dar, e as camisolas das equipas de futebol e afins, que estavam mais próximas do carro de bois, algo afastadas do resto dos objetos. Apesar desta quebra dentro da logística que estávamos a seguir de um percurso ideal para a exposição, considerámos a colocação destes elementos em locais diferentes uma decisão positiva, uma vez que permitiu um maior preenchimento do pavilhão com elementos da exposição, tornando também o espaço mais acolhedor e conferindo o destaque indicado para cada elemento.

Em relação à ordem das categorias da exposição fotográfica, após alguma deliberação, decidimos começar forte, ou seja, com uma categoria que sabíamos que iria desencadear atenção e interesse imediato, neste caso, a categoria “Família”. Depois disso decidimos distribuir as categorias que achámos que iriam despertar mais interesse ao longo da exposição e, tendo em conta que um dos expositores era consideravelmente maior que os restantes e se situava mais ou menos pelo centro da exposição, optámos por usar a coluna em que esse expositor se inseria para as duas maiores categorias, “Convívios e amizades” de um lado e “Futebol” do outro. Desta forma, para além de nos facilitar na disposição das fotografias e categorias pelos expositores, funcionava também como forma de distribuir o público pela exposição, atraindo-o para o seu centro, impulsionando a apreciação do total da exposição.



Figura 9 – Expositores

No final, no último expositor, optámos por fazer algo na mesma linha que tínhamos feito com a última vaga de divulgação da recolha fotográfica. Colocámos seis fotografias onde eram visíveis muitos salamondenses e, numa mesa junto a esse expositor, disponibilizámos também seis folhas de papel onde se poderiam identificar os presentes nas fotografias.

Uma vez que, no “Almas Music Fest”, os expositores teriam que ser arrumados de forma a haver espaço para o público, definimos um canto onde estes seriam encostados, sendo posteriormente, em conjunto com os objetos, separados do resto do recinto por uma fita de sinalização.

A colocação dos expositores, fotografias e objetos nos locais onde ficariam durante a exposição foi feita durante os três dias imediatamente antes do evento e, principalmente para a colocação das fotografias nos expositores, contámos com a ajuda e colaboração de vários elementos externos à equipa e ao Grupo Desportivo, uma vez que se tratava de um processo trabalhoso e demorado.

Em relação quer às “Conversas de Outros Tempos” quer ao “Almas Music Fest”, a preparação do pavilhão foi bastante simples, uma vez que os meios logísticos necessários eram poucos. Para as “Conversas de Outros Tempos” utilizámos um projetor emprestado por um dos membros da nossa direção para a imagem, projetada no fundo branco do palco do pavilhão, e o equipamento do G.D.C.R.S (mesa de mistura e colunas) para o som.

Em relação ao “Almas Music Fest”, como já referimos anteriormente, tivemos alguns problemas e incertezas no tocante à confirmação de participação por parte da maioria dos convidados. Ainda assim, para a sua realização tivemos que preparar o palco com o material necessário para a atuação dos *Capela Mortuária*, e a coluna portátil para as antigas tradicionais que se pudessem fazer. Por essa altura sabíamos também que os *Rufeiros de Pena Má* iriam também tocar, e que iríamos ter pelo menos duas concertinas a atuar, no entanto, tanto um como outro não necessitavam de logística da nossa parte.

Preparámos também o bar onde serviríamos as bebidas e as bifanas, colocando o balcão de madeira no local mais indicado, com a máquina de finos e a arca frigorífica. Isto porque no pavilhão já existe uma cozinha\bar que poderíamos ter utilizado, mas optamos por não o fazer, uma vez que era uma divisão diferente e, para tentar manter ao máximo o público na exposição, fazia-nos muito mais sentido que o bar estivesse dentro do seu recinto.

Para finalizar, colocámos no palco, para a inauguração com os representantes das várias organizações (G.D.C.R. Salamonde, C.M, Viera do Minho, Junta de Freguesia de Salamonde) e com a equipa do projeto, a mesa do Grupo Desportivo normalmente utilizada para esse tipo de situações.

Tínhamos, então, tudo pronto para o “Salamonde, Cruzando Memórias”.

7 - Os dias do evento

7.1 - Inauguração do evento e primeiro dia da exposição

Eis-nos então na data de início do “Salamonde, Cruzando Memórias”, dia treze do mês de Agosto de 2016.

Durante a manhã, não tendo nenhuma atividade prevista, a ordem de trabalhos incidiu apenas na confeção das bifanas e numa revisão de tudo aquilo que deveria estar pronto para o início da exposição, que se daria às 14.30h.

Após o almoço a equipa dirigiu-se para o centro de convívio do G.D.C.R.S, local dos eventos do dia e, por volta das 14.00h, abrimos as portas da exposição.

Logo de seguida o público foi, aos poucos, começando a aparecer, sendo que às 14.30h já tínhamos presente algum público e, no bater das 15h, a casa já estava bem composta, com público já a apreciar os vários elementos da exposição.

Ainda que a inauguração estivesse marcada para às 14.30h, que coincidia com o início da exposição, uma vez que estávamos dependentes da presença dos representantes da C.M de Vieira do Minho e da Junta de Freguesia de Salamonde, já sabíamos *a priori* que este horário não seria cumprido, e que teríamos que esperar pela presença dos referidos convidados para dar início à dita inauguração.



Figura 10 – Público a apreciar a exposição

Neste momento já o bar estava em funcionamento, e o único imprevisto que tínhamos era o de um elemento do público em particular que se mostrava relutante em, enquanto não se desse a inauguração oficial do evento, juntar-se aos outros na apreciação da exposição. Felizmente, após alguma conversa, a situação foi esclarecida e ficou resolvida, bem antes do momento da inauguração.

Inauguração essa que se deu eram já por volta das 16h, após a chegada do presidente da C.M de Vieira do Minho António Cardoso e da sua visita pelas várias partes da exposição, onde teve também a oportunidade de fazer parte do convívio entre a população salamondense, aspeto também fundamental daquilo que foi o “Salamonde, Cruzando Memórias”. Assim, subiram ao palco os dois vice-presidentes do G.D.C.R.S (o presidente por essa altura encontrava-se fora em trabalho), os elementos da equipa do “Salamonde, Cruzando Memórias”, a vice-presidente da Junta de Freguesia de Salamonde Antonieta Machado (o presidente estava também ausente mas a Junta não poderia deixar de ser representada) e o presidente da Câmara António Cardoso.

Como representante da instituição responsável pelo evento, o primeiro a falar foi um dos vice-presidentes do Grupo Desportivo que, após umas breves considerações iniciais, passou a apresentar a equipa responsável pelo evento e a passar-nos a palavra. O papel de porta-voz recaiu, por motivos óbvios, em mim, que acabei por resumidamente explicar os objetivos do evento\projeto, o processo que nos levou a esse momento, aquilo em que iria consistir cada atividade do evento (relembrando também da alteração do local dos jogos) e, como não podia deixar de ser, fazer os agradecimentos a quem era devido, desde a C.M, a Junta, todas as pessoas que nos deram fotografias, objetos ou que de uma ou outra forma nos ajudaram a levar a cabo o evento e, pois claro, a todo o público presente. De seguida os representantes da Junta e da Câmara puderam também dizer umas palavras que, sob pontos de vista diferentes (mais interno ou externo), valorizaram bastante a nossa iniciativa e o trabalho que levámos a cabo. Após estes dois breves discursos, foi também chamado ao palco um elemento do público, sócio número um do Grupo Desportivo, que tinha previamente pedido para dizer umas palavras, palavras essas também de grande consideração e elogio para com o trabalho desenvolvido.

Tanto a nível pessoal como a nível da equipa de trabalho, devo referir que foi extremamente gratificante ouvir tais considerações por parte desses elementos em particular. A sensação de dever cumprido, ainda que estívéssemos ainda longe do final do evento, fez-se sentir por esta altura. Infelizmente não houve fotografias deste momento importante, uma vez que a reportagem fotográfica estava a cargo dos elementos da nossa equipa e, no momento de subirmos

ao palco para a inauguração, não tivemos a presença de espírito para pedir a alguém que se encarregasse dessa tarefa enquanto nenhum dos membros da equipa o podia fazer.

Após a inauguração oficial foi dado ainda algum tempo para os que haviam chegado há menos tempo pudessem apreciar a exposição e, por volta das 17.00h, procedemos à exibição das “Conversas de outros tempos”. Foram colocadas umas cadeiras perto do palco, para que quem quisesse ver os vídeos o pudesse fazer descansadamente, e quem quisesse continuar a ver a exposição o pudesse também fazer, sem incomodar ou ser incomodado por ninguém. Pouco antes de se iniciar a reprodução dos vídeos notámos que, dos integrantes das conversas, apenas estava presente a Tia Irene, faltando os dois homens com quem conversámos em conjunto, o Tio Zé e o Tio Guilherme, quem decidimos ir procurar e trazer para o centro de convívio. Já com todos os intervenientes das conversas, deu-se início à reprodução dos vídeos. Após o seu final, tivemos a oportunidade de ouvir umas palavras por parte do Tio Zé do Covelo que, no auge dos seus 98 anos, proporcionou aos presentes um bom momento de humor. Em relação aos vídeos propriamente ditos, uma vez que quando os reproduzimos estávamos com muita gente no pavilhão, o som, em alguns momentos, não estava nas melhores condições para se sobressair por entre o “ruído” mas, no geral, foi uma atividade do agrado de todos, que correu bem e que, como veremos brevemente, seria inclusivamente repetida.

Depois das “Conversas de outros tempos”, durante o resto do tempo até ao fecho das suas portas, (previsto para as 19.00h) a exposição decorreu de forma bastante tranquila, tudo dentro do previsto. Os únicos trabalhos que recaíram sobre nós foram os do serviço ao bar e o atendimento às pessoas que iam chegando à exposição. Esta última tarefa consistiu em



Figura 11 – Exposição, detalhe

vários aspetos, desde a entrega de um exemplar do tríptico, que estava à disposição de todos à entrada do centro de convívio, mas que muitos acabavam por não pegar ou mostravam-se relutantes em fazê-lo, ao esclarecimento (ou tentativa de) de quaisquer dúvidas ou questões que pudessem surgir em que pudéssemos ajudar, nos vários aspetos da exposição. Desta forma, a maior parte do tempo consistiu no convívio e no acompanhar do público, muitos deles nossos amigos, pela exposição, falando sobre as fotografias e suas estórias, aprendendo também muito

sobre épocas mais antigas em Salamonde e, acima de tudo, passando e proporcionando uma excelente tarde.

Ainda que o encerramento da exposição estivesse previsto para as 19.00h, não iríamos de forma alguma expulsar elementos do público que ainda se encontrassem a apreciar a exposição nessa hora. Por isso mesmo, o encerramento apenas se sucedeu já passavam das 20.00h, e foi apenas após essa hora que pudemos reorganizar o espaço do pavilhão para o “Almas Music Fest”, arrumando num dos lados do pavilhão os expositores com as fotos, de forma a deixar o espaço mais aberto para a circulação do público. Depois disso, o tempo para jantar foi escasso, uma vez que às 21.30h já teríamos que reabrir o pavilhão para o início da atividade seguinte.

7.2 - Almas Music Fest

Eram então 21.30h quando reabrimos as portas do centro do convívio e, quase simultaneamente, começaram a aparecer as primeiras pessoas.

Situação que não tínhamos previsto e que acabou por afetar os nossos horários foi o facto de, nessa noite, haver jogo do Benfica, de longe o clube mais popular de Salamonde e seguido por muitos quase religiosamente, o que iria fazer com que, antes das 22.15, hora do final da partida, dificilmente estivesse presente metade do público que viria a aparecer nesta atividade.

Assim, tendo a noção desta situação e já sabendo à partida que uma parte das atuações musicais que tínhamos pensado para o “Almas Music Fest” não iria acontecer, decidimos jogar com o que tínhamos à nossa disposição e com os horários dos quais pudéssemos tirar maior partido. Desta feita, fomos começando a festa com alguma música popular portuguesa gravada de forma a manter o público entretido e animado para, pouco depois das 22.00h, começarmos com a música ao vivo.

Optámos por começar com a atuação das concertinas, que ficou a cargo de um dos membros da nossa equipa e de uma jovem salamondense, ambos membros *dos Rufeiros de Pena Má* e em representação do grupo de concertinas, que foram tocando alguns clássicos da música tradicional portuguesa e aos quais, conforme passava o tempo e ia chegando mais gente, se foram juntando elementos do público, cantando essas cantigas tradicionais, fazendo duetos, coros, chegando inclusivamente a fazer algumas desgarradas. Conseguimos, portanto, ainda que de uma forma diferente daquela que tínhamos planeado inicialmente, inserir no “Almas Music Fest” a vertente tradicional das concertinas e dos cantares antigos. Ainda que não tenha sido possível um

grande grupo de concertinas ou de cantadores, tivemos a oportunidade de ter os dois elementos presentes, tanto em conjunto como separadamente (além de terem sido tocadas músicas só com as concertinas, houve também a oportunidade de uma canção *a capela*), o que só pode ser considerado um sucesso tendo em conta os objetivos iniciais e as adversidades com as quais nos encontrámos e que tivemos que ultrapassar. Estes cantares foram-se prolongando, com as várias participações, durante quase uma hora e, quando nos apercebemos, estávamos já perante uma casa bem composta, com o público animado e a ter uma participação ativa nesta atividade musical.



Figura 12 – Concertinas e cantares

Logo de seguida, já com este ambiente quente, foi a altura da atuação dos *Rufeiros de Pena Má* que, com bombos, caixas, timbalões e concertinas, foram aumentando o ritmo desta festa, numa performance onde durante cerca de meia hora se explorou uma variedade de ritmos tradicionais portugueses e minhotos, e que culminou com uma canção própria que nos últimos anos se tem tornado quase um hino da aldeia, de seu nome “Nossa terra é linda”, em mais um bonito momento de comunhão entre o público e os artistas, onde toda a gente fez parte do espetáculo.



Figura 13 – Rufeiros de Pena Má

Chegámos então à última performance musical da noite, com um breve concerto da mais recente banda saída de Salamonde, os *Capela Mortuária* que, reflexo do passar dos tempos e da

universalização da música, apresentaram um *set* constituído por *covers* de clássicos do rock mundial e português, desde AC\DC a Xutos e Pontapés. Para terminar apresentaram um original da banda, num estilo musical mais agressivo, dentro do Metal, vertente da banda que os salamondenses não tinham



Figura 14 – Capela Mortuária

ainda tido a oportunidade de desfrutar.

Após o final das atuações musicais houve ainda tempo para alguma música gravada, ao mesmo tempo que se ia encerrando a festa e se iam bebendo as últimas rodadas, e enquanto

aproveitávamos para recolocar os elementos da exposição nos seus locais iniciais, deixando já tudo pronto para o dia seguinte.

Terminámos assim o primeiro dia do evento que, ainda que com alguns percalços, foi correndo dentro daquilo que tínhamos planeado e no qual pudemos já verificar, tanto pela adesão como pelas reações, que o projeto que propusemos levar a cabo estava a ser do agrado dos salamondenses, e que os objetivos pensados no seu início estavam a ser cumpridos. As pessoas mostraram grande entusiasmo pela exposição, destacando muito o trabalho e a seleção das fotografias, referindo muitas vezes locais, pessoas, eventos dos quais já nem se lembravam e cujo reavivar da memória lhes trouxe grande satisfação. Da mesma forma destacaram o convívio e interação de todos durante o “Almas Music Fest”, mencionando a diferença da música ouvida durante os concertos, sinal da evolução musical.

7.3 - Segundo dia da exposição

No segundo dia do evento, logo após o almoço, fomos reabrir o centro de convívio para dar o reinício à exposição de fotografias e objetos. Eram 13.30h quando abrimos portas e, se antes das 14.00h poucas pessoas iam entrando, às 14.30h estávamos com uma casa, a nosso ver, surpreendente para já ser o segundo dia, contando com cerca de 20 a 30 pessoas tão pouco tempo depois da abertura. De realçar que o presidente da Junta, que não tinha podido estar presente na inauguração, fez questão de lá ir com a família, e de se dirigir a nós, parabenizando-nos pelo trabalho desenvolvido e pelo seu resultado final.

Uma vez que a população tinha claramente aderido, tendo desde repetentes do dia anterior, pessoas que não tinham podido vir antes, a amigos que estiveram presentes o tempo quase todo, decidimos fazer uma repetição das “Conversas de outros tempos”. Desta vez a maior parte dos presentes parou de ver a exposição para se focar nos vídeos e, consequentemente o pavilhão estava mais silencioso e foi possível perceber na perfeição todas as partes das conversas que foram exibidas.

O resto deste segundo dia da exposição decorreu tranquilamente, sem imprevistos nem apertos, no entanto o evento grande do dia seria o que veio logo de seguida, os jogos tradicionais.



Figura 15 – Público das “Conversas de outros tempos”

7.4 - Jogos tradicionais

Antes de começarmos com os jogos tradicionais propriamente ditos, tivemos que tratar de algumas questões de logística para o melhor funcionamento possível desta atividade. Assim, antes das 17.00h tratámos de levar a máquina de finos para o recinto onde iriam decorrer os jogos. Como já tínhamos isto tudo previsto e sabíamos que afinal não íamos poder usar o trator que usámos no transporte dos objetos, na noite anterior falámos com um amigo que prontamente se disponibilizou a encarregar-se desse transporte com a sua carrinha de caixa aberta.

Chegados ao recinto e após a montagem da máquina, deparámo-nos com um imprevisto: a infraestrutura da Junta de Freguesia que íamos usar para ligar a máquina estava com a energia cortada. Após alguns telefonemas conseguimos descobrir o problema e, depois de nos dirigirmos à sede da Cruz Vermelha em Salamonde, que fazia a ligação elétrica para a dita infraestrutura, pudemos ligar a corrente e ficar assim com tudo pronto e operacional para o início da atividade dos jogos tradicionais.

Devido a estas complicações, o início dos jogos acabou por se atrasar ligeiramente e receámos que isso pudesse afetar o seu desenrolar. No entanto, mal a situação da máquina foi

resolvida, tínhamos já bastante gente no recinto pronto para os jogos. Começámos com os piões, e logo verificamos que em Salamonde não faltava quem dominasse o lançamento e as habilidades que se podem fazer com os tradicionais piões de madeira. Se os mais velhos recordavam e exibiam os seus truques, os mais novos tentavam aprender e recriar aquilo que os viam fazer, criando assim momentos divertidos de ensino, aprendizagem e experimentação entre as várias gerações de salamondenses.

Entretanto, alguns dos presentes iam preparando uma partida de malha, que decorreria simultaneamente às brincadeiras com os piões, e que acabaria por culminar num jogo de malha entre mulheres, algo pouco comum e prova do efeito positivo do nosso projeto, que permitiu aos salamondenses fazerem parte das atividades tradicionais fora do quotidiano habitual.



Figura 16 – Jogo do Pião



Figura 17 – Fiskas

Enquanto decorriam os jogos com os piões e as malhas, alguns dos mais novos iam experimentando o tiro ao alvo com fiskas, usando garrafas como alvos, disparando as pedras que se encontravam do recinto onde decorriam os jogos.

Todas estas atividades funcionaram como um prelúdio daquilo que seria o momento alto do dia, e um dos mais importantes de todo o evento: o Jogo da Nicha.

Foi então que se decidiu começar uma partida, uma vez que já se tinham jogado todos os outros jogos e os antigos jogadores da nicha já começavam a explicar o jogo e algumas “manhas” aos mais novos. Se inicialmente o que pensávamos que iria acontecer seria um jogo entre os mais velhos para matar saudades, aquilo que não tínhamos a noção era da exigência física requerida e o quão perigoso era o jogo. Posto isto, aquilo que os jogadores da nicha queriam era ensinar e ver os miúdos a (tentar) jogar o jogo que teve um tão grande papel na sua infância.

Começámos então algo que Salamonde não via há muitos anos, uma partida de nicha. Os intervenientes foram um grupo de quatro jovens que, orientados de perto por quem percebe do assunto, foram jogando umas rondas, aprendendo as regras, os truques, recebendo indicações e tentando ao máximo jogar o jogo da forma que foi feito para ser praticado. Obviamente que durante

algum tempo as performances estiveram longe do desejado, chegando inclusive ao ponto de ser “necessária” a entrada em jogo de um dos elementos mais velhos para uma demonstração em primeira mão, e o acompanhamento passo-a-passo das jogadas por parte de outros conhecedores do jogo da nicha, tal como poderemos verificar tanto em foto como em vídeo nos anexos deste trabalho.



Figura 18 – Nicha

Assim, aos poucos, a nicha foi sendo mais bem jogada, foram-se alternando os jogadores, aparecendo mais gente interessada em jogar e, ao fim de mais de uma hora de um intenso jogo de nicha, as energias já se iam esgotando. As repercussões desta mais de uma hora de nicha seriam sentidas a muito curto prazo, mas sobre isso falaremos mais à frente.

Em relação aos outros jogos que tínhamos proposto no nosso cartaz, casos do jogo dos cantinhos e do jogo da mosca, uma vez que para eles não era necessário qualquer tipo de material e que os presentes, tendo estado sempre entretidos com os outros jogos, não demonstraram vontade de os praticar, acabariam por não ser realizados.

De referir ainda que, nessa mesma noite, um grupo mais pequeno de salomondenses se juntou para jogar ao popular jogo do lencinho. Ainda que não tenha sido uma iniciativa nossa, que não nos ocorreu a integração desse jogo na nossa atividade, parece-nos importante destacar o efeito imediato que a atividade dos jogos tradicionais teve entre os presentes.

Encontrava-se então, com o fim dos jogos tradicionais, terminado o evento “Salamonde, Cruzando Memórias”, tendo o seu final sido um dos pontos altos do fim-de-semana, deixando no ar a sensação de dever cumprido.

8 - Avaliação dos processos e resultados

Neste capítulo iremos refletir sobre os processos e decisões que afetaram este projeto, o sucesso de cada atividade em particular, do evento e do projeto no geral, os aspetos que poderiam ter corrido melhor e o que poderia ter sido feito para tal.

Para uma melhor e mais fiável reflexão, iremos começar por avaliar se aquilo que tínhamos definido antes do evento foi, de facto, levado a cabo da forma apropriada. Referimo-nos portanto ao conteúdo, às atividades, aos objetivos e às estratégias.

➤ Conteúdo – Se o conteúdo previsto para este projeto\evento era o passado de Salamonde e a sua relação com a população atual, é facilmente verificável que foi de facto esse o conteúdo abordado, quer no evento, acessível ao público presente nas várias atividades, quer no projeto em si, acessível a quem ler este trabalho.

Quer as atividades do evento quer os conceitos abordados no projeto se prendem todos com o passado, com a memória coletiva, com transmissão de cultura ao longo de gerações. Isto é, tudo elementos relacionáveis com o passado de Salamonde e a relação que os salamondenses atuais têm com ele.

➤ Atividades – Como o leitor já poderá ter verificado, todas as atividades que nos propusemos a fazer foram, efetivamente, levadas a cabo. Assim sendo, neste ponto iremos refletir mais aprofundadamente sobre o sucesso de cada uma delas, tendo em vista o seu bom funcionamento, o agrado do público e a sua relevância para o conteúdo e objetivos definidos à partida:

- Exposição de fotografias e objetos: Esta atividade foi, sem dúvida, o ponto central do evento e da totalidade do projeto. Foi a atividade que durou mais tempo e também a que mais participação suscitou por parte dos salamondenses, quer ativamente (na atividade em si) quer passivamente (no disponibilizar das condições para a existência da atividade).

O sucesso passou em primeiro lugar pela excelente adesão verificada na fase de recolha das fotografias para a exposição. Como referimos anteriormente, grande parte da população salamondense mostrou-se disponível para partilhar as suas fotografias e até a receber-nos em suas casas, partilhando connosco as histórias por trás dessas fotos, ajudando-nos a perceber e a

ganhar uma melhor noção daquilo que estávamos e pretendíamos fazer, do tipo de memórias que reavivámos e iríamos reavivar.

O mesmo tipo de adesão se verificou, posteriormente, durante a recolha dos objetos. Ainda que numa menor escala, uma vez que não faria sentido para o projeto ter tantos objetos recolhidos como fotografias, as famílias às quais nos dirigimos nesse sentido mostraram total abertura para tal. Não houve uma única peça que quiséssemos trazer e exibir que não nos fosse disponibilizada, sendo que pudemos inclusivamente contar com ajuda para o transporte dos ditos objetos. Para além disso, é de referir que, na última fase, em que procurámos objetos mais particulares (casos do carro de bois, da grade de madeira e da roda também de madeira), apenas foi possível a obtenção dessas peças devido à colaboração dos salamondenses. Para encontrarmos esses objetos e quem os poderia ter, tivemos que perguntar por entre as pessoas que encontrávamos, que finalmente nos acabariam por encaminhar até aos ditos objetos.

No entanto, como podemos deduzir, o momento mais importante para a avaliação daquilo que foi ou não o sucesso desta atividade será, de facto, o momento da atividade em si, isto é, da exposição. Uma vez que durante os dias do evento as tarefas foram inúmeras, não fez parte das nossas prioridades a contagem do público que foi aparecendo ao longo das várias horas em que a exposição esteve aberta ao público. Por este motivo não foi possível fazer uma análise quantitativa do sucesso desta atividade. Ainda assim pudemos verificar que, desde o momento de abertura até ao encerramento da exposição, tivemos sempre acima das vinte pessoas. Desde os que ficaram no centro de convívio durante a tarde quase toda, ao público mais comum, que se deixava ficar por apenas uma ou duas horas, tendo ainda assim tempo para ver toda a exposição ao pormenor, usufruir do bar, e ainda participar no convívio, discussão sobre as fotografias e partilha de memórias que decorreu também ao longo de todos os momentos da exposição. Segundo opiniões dos elementos da organização do evento e de membros do G.D.C.R.S, o momento de maior enchente terá sido pela altura da inauguração e da visualização das “Conversas de outros tempos”, entre as 15.30h e as 17.30, altura em que se estima que estiveram presentes entre 70 a 80 pessoas. Também no segundo dia tivemos a já referida surpreendente adesão, onde, também pela mesma altura, algures entre as 15.30 e as 16.30, estariam entre 40 a 50 pessoas no recinto da exposição. Visto estes números serem estimativas, e como não conseguimos calcular quantas das pessoas que estavam presentes a cada momento na exposição eram ou não repetentes, iremos optar por não fazer estimativas do número total de pessoas que estiveram presentes, evitando o risco de cair em aproximações erróneas.

De referir, ainda no que diz respeito à adesão do público a esta atividade, que bastantes pessoas nos pediram cópias de determinadas fotografias que gostariam de guardar. Por querermos guardar as cópias impressas na sede do G.D.C.R.S para possíveis eventos futuros, não pudemos oferecer nenhuma cópia física das fotografias. No entanto comprometemo-nos a, depois do evento, quem nos pedisse determinadas fotografias e nos facultasse contacto de *e-mail*, enviá-las por correio eletrónico. Acabámos por, depois de tudo terminado, não receber tantos contactos nesse sentido como os que recebemos durante a exposição, alguns se terão esquecido ou pensado que seria um incómodo, mas ainda enviamos certamente mais de dez *e-mails*.

O feedback que recebemos sobre esta atividade foi também extremamente positivo. Fomos várias vezes congratulados pelo bom resultado da exposição, bem como pelo trabalho desenvolvido, tendo sido destacado que era algo que fazia falta à aldeia. Também em conversas nos foi muitas vezes referido a variedade e representatividade da exposição como atributos importantes, sendo que a maior parte das pessoas prontamente destacaria uma qualquer imagem que, pelas recordações ou por quem nela estava presente, seria a sua favorita.

Importante realçar também um facto curioso. Uma das imagens com mais sucesso foi claramente uma fotografia do padeiro. O padeiro de Salamonde foi um homem que, ao que conseguimos perceber, ainda que sem ter uma relação de grande proximidade com a maioria dos salamondenses, se destacava pela sua boa disposição e brincadeiras. Ora, este homem terá falecido há quase vinte anos e esta exposição terá sido a primeira vez, em muitos anos, que o voltaram a ver e se lembraram dele. Estes detalhes são sinais do sucesso da exposição que nos trazem grande satisfação.

Parece-nos portanto evidente que esta atividade, principal atração do “Salamonde, Cruzando Memórias”, correspondeu às expectativas que depositávamos nela uma vez que foi, de facto, a atividade central do evento, a que obteve mais participação, e cuja satisfação por parte do público foi notória.

- Conversas de outros tempos: Esta atividade começou-se a definir com a escolha e proposta aos intervenientes das conversas. Como referimos anteriormente, escolhemos aqueles que achámos que poderiam ser mais representativos da história recente de Salamonde, aliando as diferentes idades, ocupações, tendo o cuidado de abranger os dois géneros e, como não podia deixar de ser, tendo em atenção a capacidade e o estilo comunicativo das pessoas em questão.

A fase seguinte consistiu em estabelecer contactos com a C.M. Vieira do Minho e com a *Vieira do Minho TV* para podermos fazer as gravações das conversas nas melhores condições possíveis. Felizmente tivemos sucesso na nossa abordagem e conseguimos o empréstimo de material que nos permitiu um melhor resultado a nível audiovisual.

Posteriormente, decorreram as conversas que, sem guião, levaram o rumo que os seus intervenientes quiseram, isto é, foram feitas muito poucas perguntas sobre aspetos específicos da história ou do passado de Salamonde, e as conversas foram baseadas nas estórias que nos foram contando. Desta forma achamos que conseguimos obter o testemunho mais real possível. Foram contadas muitas estórias pessoais, de trabalho, de relações, mas sem fugir à temática central, a história recente de Salamonde.

Para a elaboração dos vídeos que seriam exibidos durante o evento utilizámos o *Windows Movie Maker*, de forma a captar os melhores momentos das conversas, culminando num resultado final de dois vídeos de 12 e 18 minutos de duração. Na nossa opinião, e como já referimos em capítulos anteriores, o resultado foi bastante do nosso agrado e, para possibilitar uma opinião bem formada sobre eles, estarão também disponíveis em anexo.

Ora, em relação ao sucesso desta atividade do ponto de vista da participação e receção por parte do público, esta estará sempre ligada ao sucesso da exposição, uma vez que foi uma atividade “dentro” de outra atividade, isto é, decorreu no mesmo espaço sem interromper a exposição. Ainda assim, aquilo que podemos avaliar é o interesse que suscitou no público presente aquando das suas exibições e, claro está, as reações que obtivemos posteriores ao seu visionamento.

No tocante ao interesse suscitado por entre o público, já referimos que, na primeira exibição, por ter coincidido com o momento em que estava mais gente no centro de convívio, o som não estava alto o suficiente para se ouvir nas melhores condições em toda a sala e, por este motivo, acabámos por não conseguir captar a atenção de todos os presentes. No entanto, ao colocarmos as cadeiras numa zona privilegiada para ver e ouvir os vídeos, conseguimos sentar bastantes pessoas, principalmente de maior idade, o que ajudou a criar mais impacto para o início da reprodução dos vídeos. Calculamos então que tenham estado cerca de 15 a 20 pessoas sentadas e outras tantas de pé na mesma zona, sendo que o resto dos presentes, que inicialmente estariam a desfrutar da exposição ou na zona do bar, acabariam por, apercebendo-se que seria difícil ouvir nas melhores condições as conversas, ou chegar-se à frente e prestar atenção aos vídeos, ou continuar com aquilo que estavam a fazer, seja o convívio ao balcão ou o passeio entre

os vários elementos da exposição. Para estas pessoas os vídeos ficariam como um elemento secundário, algo para o qual as suas atenções se virariam apenas se ouvissem algo das conversas que lhes chamasse a atenção, ou se a reação do público os levasse a olhar na direção dos vídeos.

Foi também por isto que decidimos, no segundo dia, tornar a exibir as “Conversas de outros tempos”. Desta vez, apesar de as termos exibido também na fase de maior enchente do recinto, havia menos gente que no dia anterior, e uma boa parte já lá estava há algum tempo ou tinha estado antes, ou seja, já tinham tido a oportunidade de ver com detalhe todos os elementos da exposição. Por estes motivos, verificámos que esta segunda exibição foi mais unanimemente o centro das atenções. Tínhamos igualmente bastantes pessoas sentadas ou de pé perto de onde os vídeos estavam a ser reproduzidos e, principal diferença para o dia anterior, até quem estava mais longe, ou a ver a exposição ou ao balcão, conseguia ouvir perfeitamente as conversas. Isto acabou por gerar a atenção praticamente total por entre o público, o que ajudou ainda mais à boa propagação do som dos vídeos.

No tocante à reação do público perante estas conversas, foi observável nos seus rostos e nas fortes gargalhadas que as “Conversas de outros tempos” proporcionaram momentos de grande entretenimento por entre os espetadores. Para além disso, vários elementos do público reforçaram essa ideia connosco em diálogos posteriores, referindo que, além de terem sido conversas divertidas, lhes despertaram lembranças de outros tempos. Fizeram também questão de, principalmente por entre os membros mais novos, confirmar a veracidade das estórias, exaltando outros tempos e outros costumes, com frases como “olha que antigamente era mesmo assim!”, ou “hoje em dia já não se faz nada disto...”.

Chegou-nos a ser pedido, inclusivamente, o envio dessas conversas para elementos do público, de forma a poderem-nos mostrar a familiares que não tinham podido estar presentes nos dias do evento. Pensámos até publicá-las no *Youtube* para se poderem partilhar entre grupos de salamondeses nas redes sociais mas, de forma a melhor proteger a privacidade dos intervenientes, decidimos apenas enviá-los a quem os pediu.

Podemos portanto concluir que, mesmo não sendo uma atividade central no “Salamonde, Cruzando Memórias”, as “Conversas de outros tempos” foram um elemento bastante bem integrado no conceito do evento e de agrado do público presente, cuja receção foi também bastante positiva.

- Almas Music Fest: Como sabemos, esta atividade ficou condicionada desde uma fase bastante inicial, uma vez que estávamos a ter dificuldades em confirmar os artistas que pretendíamos que fizessem parte desta atividade. Talvez tenhamos sido demasiado ambiciosos ao tentar trazer tantas atuações musicais diferentes, mas queríamos de facto representar da melhor forma o máximo de estilos e de fases da música em Salamonde.

Não conseguimos, por falta de disponibilidade, trazer tanto o grupo de concertinas como o de cavaquinho, cujos professores teriam compromissos para essa noite, o que impossibilitaria a vinda dos alunos, sendo que sem eles não poderiam realizar as suas performances. Também por impossibilidade de comparência, o artista *Valentyn* não pôde marcar presença, uma vez que teria nessa noite viagem marcada para a Suíça. No entanto, sendo um artista que não atua há já bastantes anos em Salamonde, o interesse que demonstrou no evento e a pena por não poder estar presente foi algo que ainda assim nos deixou satisfeitos, uma vez que aquilo que estávamos mais à espera seria um pedido por *cachet* ou algo do género, sendo que é um artista que já vai tendo alguma agenda de concertos.

Não obstante, aquilo que mais nos preocupava era a possível ausência dos *Passados da Carola*. Não sendo um grupo musical *per se*, contávamos que fossem a grande atração da noite, uma vez que fizeram grande sucesso nas festas locais nos anos 90, e teriam sem dúvida uma das performances mais animadas e que o público mais gostaria de ver. Por neste momento já não estarem juntos como grupo, o facto de termos que conversar com cada um dos elementos e esperar que conseguissem, entre si, coordenar-se para organizar a atuação veio dificultar a sua presença e, no final de contas, viriam de facto a não atuar. Neste sentido é evidente que esta atividade não teve o sucesso que queríamos, uma vez que não conseguimos contar com os artistas pretendidos. Conseguimos, contudo, como referimos previamente, ter um conjunto de concertos\atuações representativas da história musical recente de Salamonde.

Apesar destas adversidades, a adesão do público foi notória, tendo estimado que no momento de maior enchente tenham estado entre 60 a 65 pessoas, sendo que deverão ter, durante essa noite, passado cerca de 75 a 80 pessoas, uma excelente participação para uma atividade noturna em Salamonde, tendo ainda em conta que estávamos em datas de festas em aldeias da redondeza, que contam sempre com a presença de bastantes salamondeses.

Avaliando então os diferentes aspetos desta atividade, podemos concluir que, ainda que não tenhamos conseguido proporcionar uma atividade exatamente como a que queríamos, conseguimos ir de encontro ao pretendido e representar história recente da música salamondense,

desde o mais tradicional ao mais moderno, e obtivemos uma excelente participação e receção por parte do público, que aderiu e participou ativamente, tornando-a uma atividade de interesse e de gozo para todos os envolvidos.

- **Jogos Tradicionais:** Esta atividade foi a de mais fácil preparação, tendo só sido necessária a escolha dos jogos a realizar, a escolha do local a realizá-los (que seria inclusivamente alterada) e a aquisição do material necessário. A aquisição do material foi feita aos poucos, uma vez que já tínhamos definido com bastante antecedência os jogos que queríamos realizar e o material necessário, e foi só uma questão de procurar o melhor local para o comprar ou a quem o pedir emprestado. A escolha do terreno onde decorreriam era algo sobre o qual tínhamos algumas reticências, uma vez que o local escolhido, apesar de ser o que melhores condições tinha, era de acesso algo difícil, uma vez que, por ser algo desviado, requeria transporte por veículos, que iríamos ter que disponibilizar. Felizmente tivemos a sorte de nos ter sido facultado um terreno mais próximo do centro da aldeia, o que certamente contribuiu para a afluência a esta atividade.

Em relação à escolha dos jogos, olhando retrospectivamente, pouca importância teria se tivéssemos integrado outros, uma vez que, sem sombra para dúvidas, jogando-se a nicha, todos os outros seriam ofuscados. Ainda assim, o jogo do pião foi uma escolha bastante feliz, sendo que era algo do qual bastantes salamondenses se lembravam ainda. Não o praticavam há anos, mas sabiam ainda dominar o pião, o que claramente ajudou à participação e ao prazer tanto de quem jogou como de quem viu jogar. Também quer a malha quer as físgas tiveram alguma adesão mas, tendo-se iniciado a nicha, qualquer possibilidade de jogar outro jogo, inclusivamente o da mosca ou o dos cantinhos, prontamente se desvaneceu.

Sobre a adesão do público, importante referir que as estimativas apresentadas referir-se-ão aos presentes na atividade, não apenas aos que nelas participaram, já que os objetivos desta atividade consistiam no relembrar e aprender dos jogos, não apenas na sua prática. Estimamos então que tenham passado por esta atividade entre 60 e 70 pessoas, sendo que a certo ponto terão estado simultaneamente presentes mais de 50 pessoas.

Com estes elementos analisados, contamos então com condições para dizer que o resultado desta atividade foi de bastante satisfação. Porém, ainda nos falta referir aquilo que cremos ser a maior prova do sucesso deste atividade.

Já sabíamos que o jogo da nicha iria ser a atração principal e que iria ter um impacto forte nesta atividade e no evento em si, o que não esperávamos era que o seu impacto se propagasse

tanto e em tão pouco tempo como aconteceu. Já nos dias seguintes ao “Salamonde, Cruzando Memórias”, e até ao final dos meses de bom tempo, muitas vezes se voltaram a fazer partidas de nicha. Partidas de espontânea iniciativa de grupos de salamondenses que, encontrando-se reunidos na “barraca dos festeiros” (a comissão de festas, a quem doamos o material da nicha, abre um bar móvel, todos os dias durante o verão e aos fins-de-semana no resto do ano), encontravam, na nicha, o passatempo perfeito, tendo-se passado ainda bastantes tardes/noites com esse entretenimento.



Figura 19 – Partidas de nicha

Assim, podemos concluir que, não só tivemos boa adesão e participação por parte do público durante esta atividade, como conseguimos de facto trazer um dos jogos tradicionais em Salamonde para o presente. Isto será, sem dúvida, um dos importantes feitos do “Salamonde,

Cruzando Memórias”, uma vez que sempre foi o nosso objetivo conseguir criar essa ponte, essa partilha de experiências entre o passado e o presente.

➤ Objetivo: No capítulo “Conceptualização do projeto”, definimos que o objetivo deste projeto seria “[t]razer o passado para o presente, fortalecendo a sua ligação”. Ora, se à primeira vista este objetivo possa passar como demasiado vago, ou com pouco significado real, se pensarmos sobre aquilo que foi feito e as suas consequências, poderemos perceber o porquê de termos definido este objetivo, e em que sentidos é que o conseguimos, ou não, cumprir.

Com a exposição de fotografias e objetos antigos instigamos ao recordar de outros tempos, à aprendizagem e ao conhecimento da história salamondense, através de elementos materiais, palpáveis, que as pessoas puderam ver, e que retratavam outros tempos, outros costumes, outras vidas. Estas imagens e objetos já não estavam frescos ou até presentes no imaginário dos habitantes da aldeia mas, com a exposição, conseguimos (r)estabelecer a ligação que une essas imagens do passado à memória presente.

Também com as outras atividades fomos criando e\ou fortalecendo a ponte entre o passado e a atualidade através dos diversos estímulos utilizados. Com as “Conversas de outros tempos”, pudemos partilhar algumas histórias, aventuras e desventuras de alguns dos salamondenses com histórias de vida mais representativas, desta forma o público pôde ouvir em primeira mão eventos, hábitos, tradições de alturas já distantes. No “Almas Music Fest” a ponte foi feita de sons, de música. Foi através de uma das expressões culturais mais antigas que demonstramos o passar dos tempos, a mudança nos estilos, nos recursos, nos praticantes. Nos Jogos tradicionais continuámos a construir essa ponte, mas de uma forma mais interativa. Na derradeira atividade pôde-se verificar um processo de ensino\aprendizagem sem mediação, isto é, direto de quem ensina para quem aprende. Houve também a vertente do recordar hábitos passados e da partilha dessas memórias com quem com eles também as viveu.

Creemos que fica, assim, claro em que sentido é que procurámos “[t]razer o passado para o presente, fortalecendo a sua ligação”, e em que aspetos e até que ponto é que, de facto, conseguimos realizar esse objetivo.

➤ Estratégia: As estratégias definidas para a concretização dos objetivos em questão passavam pelo estímulo dos vários sentidos e tipos de memória (visual, auditiva, muscular), com

diferentes atividades, procurando, como definimos nos objetivos, o reforçar da ponte, a que chamamos de memória, entre o passado e a atualidade.

De certa forma, alguma da reflexão sobre as estratégias usadas já foi feita na secção anterior onde, ao analisarmos o cumprimento dos objetivos, acabámos por também analisar de que forma é que os cumprimos, isto é, as estratégias usadas.

Ainda assim, correndo o risco de repetirmos algumas ideias, iremos fazer uma análise das estratégias empregues.

Tal como definimos ao início, conseguimos de facto que as nossas atividades abrangessem os diversos sentidos e aquilo que são os veículos de transmissão histórica e cultural.

Vejamos, o estímulo visual esteve presente em todas as atividades organizadas. Desde o mais óbvio, como a exposição de fotos e objetos, passando pelos jogos tradicionais, onde também o ver jogar tem um papel importante, pela música que, sendo uma performance, também tem no estímulo visual um elemento presente, e até na reprodução das conversas, onde a imagem se alia ao som porque, quando se partilham estórias, uma expressão facial pode mudar a dimensão daquilo que está a ser contado.

Também a audição teve um papel fundamental no nosso evento. Tanto nas “Conversas de outros tempos” como no “Almas Music Fest” aquilo que o público mais vez foi ouvir, ainda que de forma diferente. Se num foi o ouvir estórias, no outro foi ouvir música.

Os estímulos mais interativos estariam reservados para os jogos tradicionais, em particular para quem participou ativamente neles. Aqui foi possível a interação direta com elementos do passado, participando em atividades que eram recorrentes em outros tempos mas que hoje em dia já não são de forma alguma praticadas. Este tipo de participação, de interação, foi possível também no “Almas Music Fest”, quando elementos do público se juntaram para recriar alguns cantares antigos, ou umas desgarradas, e participaram ativamente em tradições de origens antigas.

Fica então explicado, depois de termos falado dos objetivos, de que forma pusemos em prática as nossas estratégias no sentido de os atingir.

8.1 - Divulgação

Nesta secção iremos avaliar as estratégias de divulgação do evento organizado, bem como os seus resultados.

Em primeiro lugar, antes de divulgar o evento em si, aquilo que fizemos foi divulgar a recolha das fotografias. Para tal, como referido em capítulos anteriores, elaborámos um cartaz, que colocámos nos locais de maior visibilidade em Salamonde, e enviámos cartas a todas as casas habitadas. Tanto os cartazes como as cartas foram o que fez com que, quando nos dirigíssemos às casas nas primeiras voltas da nossa recolha, boa parte das pessoas já soubessem do que é que estávamos a falar, sendo que algumas delas já teriam inclusivamente feito uma procura ou até uma seleção de fotografias para nos emprestar. O cartaz e a carta poderão ser vistos ou no corpo do texto ou nos anexos.

Também para divulgar a recolha fotográfica, elaborámos um vídeo, já anteriormente neste texto descrito, que será também visível em anexo. Já foi dito também que, por ser um vídeo, só foi publicado pelo *Facebook* o que, de certa forma, limitou o seu raio de ação. Ainda assim o vídeo foi alvo de bastantes elogios, e queremos acreditar que ajudou a quem o viu a entusiasmar-se pelo projeto e a fazer parte da iniciativa.

Durante esta mesma recolha foi utilizado uma espécie de portfólio com fotografias que recolhemos nos primeiros dias de trabalho, onde mostrávamos vários exemplos de tipos de fotografias que nos seriam úteis para a exposição. Estes exemplos revelaram-se extremamente úteis na medida em que tornaram muito mais fácil a nossa explicação do tipo de fotos que pretendíamos que nos prestassem e, sem dúvida, fizeram aumentar o número de fotografias que tivemos à nossa disposição.

Já na fase final da nossa procura por fotografias, fizemos mais uma campanha publicitária onde colocámos fotografias nas esplanadas dos cafés, convidando quem as visse a identificar quem lá estava representado ou de onde era a fotografia. Por outras palavras, um *teaser* do que seria a exposição das fotografias. Com esta última campanha e um último forcing que fizemos para a recolha conseguimos superar a representatividade que tínhamos em mente em termos de casas\famílias com fotografias expostas, pelo que consideramos esta última vaga de divulgação bastante útil.

Por estes motivos, e porque no final de contas conseguimos mais de 1600 fotografias de quase 60 casas\famílias diferentes, parece-nos justo afirmar que o sucesso da recolha fotográfica se deveu, não só à excelente boa vontade e espírito participativo dos salamondenses, mas principalmente ao nosso bom trabalho de divulgação e persuasão.

Apos a recolha fotográfica, o nosso foco em termos de divulgação recaiu sobre o evento propriamente dito. Para tal, uma vez que já tínhamos estado, nos meses anteriores, a trabalhar

para o evento junto da população, o “Salamonde, Cruzando Memórias” era algo que estava, por norma, presente na mente das pessoas. Desta forma, tínhamos assegurado o melhor método de publicidade em meios mais pequenos, o que era o nosso caso: a divulgação boca a boca.

Ainda assim, era de grande importância a elaboração de um cartaz, que não só recordasse às pessoas da existência do evento, mas que também especificasse as atividades que iriam ter lugar, bem como alguns pormenores importantes. Cartaz esse cujo resultado final já tivemos oportunidade de mostrar, e com o qual ficámos bastante satisfeitos.

O que também teve um papel importante na divulgação e na adesão por parte do público foi o facto de, na semana prévia ao evento, uma vez que estávamos ainda a tratar do transporte e da procura de alguns objetos, termos aproveitado para passear por boa parte da aldeia, divulgando e relembrando que o evento para o qual estávamos a trabalhar teria lugar nesse fim-de-semana.

Foi então com estes elementos que fizemos a divulgação do “Salamonde, Cruzando Memórias”. Optámos por não publicitar fora de Salamonde, nem com cartazes, nem contactando jornais de Vieira do Minho ou outros meios semelhantes, uma vez que os nossos objetivos não passavam por ter muita gente nos eventos, mas sim por ter o máximo da população salamondense possível.

Pensamos, portanto, tendo em conta as estratégias de divulgação e o resultado obtido, que ainda que tenhamos trabalhado num meio pequeno, sem necessidade nem capacidade para trabalhos de marketing e divulgação muito extensos, conseguimos escolher as estratégias certas e aplicá-las corretamente no meio em que este projeto e este evento se inseriu.

8.2 - Autocrítica\Elementos passíveis de melhora

Nesta secção iremos refletir sobre algumas falhas que possamos ter tido ao longo de todo o processo, bem como coisas que, num eventual evento semelhante, possam ser melhoradas.

Em primeiro lugar é importante referir que há alguns aspetos que, pela forma em que o projeto foi desenhado e pelos apoios que teve, terão sido lidados de uma forma distinta que se fosse sob condições diferentes.

Por exemplo, sendo que este evento teve uma organização por parte do Grupo Desportivo de Salamonde, e como conseguimos obter, por parte da C.M de Vieira do Minho, os patrocínios que precisámos para o evento acontecer, a criação de um orçamento foi desnecessária. Não nos tivemos que preocupar com que os lucros do bar cobrissem as despesas, uma vez que as

despesas consistiram apenas na compra dos produtos para o bar e nos “brinquedos” para os jogos tradicionais, produtos que ficariam sempre em posse do G.D.C.R caso não fossem consumidos no evento, não causando qualquer tipo de prejuízo.

Também por ser um evento de uma instituição da terra, de um meio pequeno, não existiu uma responsabilidade no sentido de termos um certo número mínimo de participantes, que definisse o sucesso do evento. Foi um evento de entrada livre, de serviço cultural e de entretenimento para a aldeia, sem fins lucrativos. Estes aspetos teriam claramente de ser diferentes se a organização do evento ficasse a cargo de uma instituição mais convencional, uma instituição privada, com orçamentos a cumprir, com avaliações externas, quer aos eventos quer aos organizadores.

O que nos traz ao próximo ponto. Uma coisa que não achámos importante fazer, pois não nos pareceu necessária para o evento mas que, em retrospectiva, poderia ter sido útil para a elaboração deste relatório, foi a definição de uma metodologia que nos permitisse uma avaliação do impacto do evento a partir de dados quantitativos. Isto porque, ao fazermos uma avaliação qualitativa ao nosso próprio trabalho, corremos sempre o risco de perder alguma objetividade, o que poderia ter sido amenizado com a inclusão de uma análise quantitativa. Ainda assim insistimos em que, para os objetivos que tínhamos em mente, uma análise qualitativa teria sempre mais relevância que uma quantitativa, uma vez que a presença de muita gente ou um lucro substancial nunca seriam por si só uma parte fundamental da ideia que tínhamos para o “Salamonde, Cruzando Memórias”.

Em relação ao evento em si, felizmente não houve grandes situações a apontar, mas vamos ainda assim tentar identificá-las.

Em primeiro lugar, durante a inauguração do evento, falhámos na questão da reportagem fotográfica. Não sendo, de forma alguma, um problema para o evento, seria sempre um elemento relevante a introduzir neste relatório.

Tivemos também uma situação menos favorável com as bandas no “Almas Music Fest”, sendo que não conseguimos ter todos os artistas que pretendíamos. Ainda que a sua ausência não tenha sido por nossa culpa, não podemos deixar de pensar que talvez tenhamos sido demasiado ambiciosos, e algo imprudentes, principalmente com a situação dos *Passados da Carola*, uma vez que em Salamonde a palavra correu e havia algum entusiasmo com a sua atuação, que acabaria por não acontecer. Com os grupos de concertinas e cavaquinhos talvez devêssemos ter sido mais insistentes com as confirmações na altura em que os contactámos, de

forma a, sabendo mais cedo que não poderíamos contar com a sua presença, termos tempo de tentar encontrar a melhor alternativa possível.

Também em relação aos concertos, deveríamos ter tomado mais cedo conhecimento do jogo que decorreria até depois do horário previsto para o seu início. Poderíamos então ter marcado o início do “Almas Music Fest” para mais tarde, evitando a situação algo desconfortável de sabermos que só iríamos contar com a presença de uma boa parte do público depois da hora marcada.

Nas “Conversas de outros tempos”, achamos que houve um aspeto que poderia também ter corrido melhor. Referimo-nos ao som das gravações, em particular da conversa com os dois senhores, que foi gravada ao ar livre. Apesar de o material de reprodução de som do Grupo Desportivo ser de boa qualidade, devido às condições já referidas, em alguns momentos o som não pôde ser o melhor. Era situação difícil de evitar, mas ainda assim é algo que devemos apontar.

Finalmente, nos jogos tradicionais, tivemos o imprevisto de a infraestrutura que iríamos usar para nos abastecer de eletricidade estar com a energia cortada. Quando falámos com a Junta de Freguesia para a utilização dessa fonte de energia, não nos foi dito que poderia estar cortada nem como reativá-la, o que fez com que esta situação nos apanhasse de surpresa e com que não fosse algo que pudéssemos ter previsto e evitado. Felizmente, o ligeiro atraso que este imprevisto causou não afetou o desenrolar da atividade, mas não podemos deixar de o considerar uma contrariedade.

9 - Considerações finais

Chegamos assim ao fim desta reflexão sobre o trabalho que fizemos ao longo de quase um ano. No final de contas conseguimos cumprir todos os nossos objetivos, conseguimos criar um evento que sem dúvida ajudou ao fortalecimento da relação entre os salamondenses e o passado da terra, que permitiu aos mais novos aprender e aos mais velhos recordar, e que contribuiu para a memória coletiva, através da exploração dos vários tipos de memória e dos vários tipos de expressões culturais e artísticas.

No entanto, aquilo que mais destaque merece foi o apoio que nos foi demonstrado ao longo de todo o processo, vindo de todas as partes envolvidas. Só podemos demonstrar gratidão e apreço à população salamondense, que não só nos permitiu que este evento fosse realizado, com as fotos e peças que nos cederam, como também fez dele um sucesso, indo às atividades, participando, ajudando, transformando na prática aquilo que nós tínhamos como nossos objetivos para o “Salamonde, Cruzando Memórias”.

O mesmo sentimos em relação a todas as instituições que nos apoiaram, em particular à C.M de Vieira do Minho, que nos deu todos os apoios que necessitávamos, contribuindo para as causas culturais, tantas vezes negligenciadas em meios mais ou menos pequenos por este país fora.

Se com este com este evento pretendíamos mostrar a natureza da população salamondense, dar uma força à memória e à cultura da terra, aquilo que pretendíamos dar a Salamonde acabámos nós por receber. Aprendemos muito, convivemos muito e, no fundo, conseguimos tirar mais do evento do que qualquer elemento do público.

Todos estes fatores fazem com que toda esta experiência tenha sido extremamente gratificante de um ponto de vista cultural, intelectual, histórico e humano, para todos nós que fizemos este projeto de evento andar prá frente mas, em particular, a mim.

Bibliografia

- Cerezuela, D. (2011). *Diseño y evaluación de proyectos culturales*. Barcelona: Ariel.
- Cunha, L. (2006). *Memória social em campo maior*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Connerton, P. (1993). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora.
- Fentress, J. & Wickham, C. (1992). *Memória social*. Lisboa: Teorema.
- Freitas, N. (2013). *Cultura e tradição, as festas nicolinhas*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Braga, Portugal. Consultado em setembro 12, 2016, em repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/28908
- Friedmann, A. (1995). "Jogos tradicionais". *Série ideias* nº 7. São Paulo: FDE. Consultado em outubro 10, 2016, em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p054-061_c.pdf
- Garfias, R. (2014). "Music: the cultural context". *Senri Ethnological Reports*, 47. Osaka: National Museum of Ethnology. Consultado em outubro 20, 2016, em http://www.socsci.uci.edu/~rgarfias/aris/courses/musexprs/documents/SER47_chap-01-02.pdf
- Giddens, A. (1997). *Sociologia*. Lisboa: Gulbenkian.
- Halbwachs, M. (2004). *La memoria colectiva*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza.
- Huizinga, J. (2003). *Homo Ludens: um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*. Lisboa: Edições 70.
- Kendall, R. (1996). *Public relations campaign strategies*. New York: HarperCollins.
- Samovar, L., Porter, R. & McDaniel, E. (2010). *Communication between cultures*. Boston: Wadsworth.
- Silveira, L. (2011). *Os jogos e as brincadeiras tradicionais como expressão cultural: um estudo comparativo entre Portugal e Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Braga, Portugal. Consultado em outubro 10, 2016, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20175>
- Vilaça, O. (2012). *Cultura material e património móvel no mundo rural do Baixo Minho em finais do Antigo Regime*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho, Braga, Portugal. Consultado em outubro 17, 2016, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24872>